

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

*Uma casa dentro de uma mala: Impactos da Mobilidade nos  
Estudantes Madeirenses Deslocados*

Ana Beatriz Coelho Teixeira

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada e  
Investigadora Integrada, CIES – ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2024



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Sociologia

*Uma casa dentro de uma mala: Impactos da Mobilidade nos  
Estudantes Madeirenses Deslocados*

Ana Beatriz Coelho Teixeira

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada e  
Investigadora Integrada, CIES – ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2024

## **AGRADECIMENTOS**

Ao chegar ao fim desta jornada desafiante e gratificante, é com um coração cheio que agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, tornaram este trabalho possível.

À minha orientadora, Professora Sandra Mateus, pela sua paciência, confiança, e apoio inabalável ao longo de todo este percurso. Pelas suas palavras, pelo seu entusiasmo, pela motivação e a disponibilidade que oferecia sempre. Obrigada.

À minha família, especialmente à minha mãe, por sempre acreditar em mim – mesmo nos meus momentos mais instáveis. Obrigada.

A todos os estudantes madeirenses deslocados que, direta ou indiretamente, foram a minha maior inspiração para a realização desta investigação. Obrigada. E um obrigada ainda mais especial àqueles que se mostraram disponíveis para partilhar as suas experiências comigo.

À Dra. Cristina, pelo seu apoio incondicional e pelas suas palavras confortantes. Por acompanhar e guiar o meu crescimento. Obrigada.

À S., pela certeza que me dava, quando a incerteza me paralisava; pelo carinho constante ao longo de toda a jornada; por tudo. Obrigada.

A todos, aprendo com cada um de vocês e admiro-vos imensamente.

## **RESUMO**

A mobilidade estudantil é um fenómeno significativo que desafia os estudantes a nível individual e reflete dinâmicas sociais mais amplas, destacando as suas desigualdades e obstáculos sistémicos. Assim, o principal objetivo deste trabalho passa por identificar como a mobilidade no ensino superior impacta a experiência e afeta o desempenho académico dos estudantes da Região Autónoma da Madeira. Para alcançar os objetivos delineados, foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas com estudantes deslocados. Esta abordagem qualitativa permitiu uma exploração das experiências individuais, proporcionando uma compreensão mais rica e complexa das vivências dos jovens. As entrevistas revelaram uma diversidade de experiências com aspetos positivos e negativos. Os principais fatores que motivaram a mobilidade incluíram a inexistência de cursos desejados na Madeira e a procura por novas experiências e maior independência. A adaptação a novos contextos apresentou desafios significativos, como o isolamento e a gestão de novas responsabilidades financeiras e académicas, mas também promoveu um desenvolvimento pessoal, com maior autonomia e resiliência. A transição para o ensino superior é particularmente desafiante para estudantes deslocados insulares, que enfrentam a distância geográfica e a adaptação a contextos culturais diferentes. As instituições de ensino devem considerar medidas que facilitem esta transição, como a flexibilidade dos estágios curriculares e a calendarização antecipada das avaliações. Apesar das dificuldades, muitos estudantes mostraram-se dispostos a novas experiências de mobilidade no futuro, reconhecendo os benefícios e oportunidades que estas proporcionam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mobilidade Estudantil; Desempenho Académico; Estudantes Deslocados; Ensino Superior; Região Autónoma da Madeira.

## **ABSTRACT**

Student mobility is a significant phenomenon that challenges students on an individual level and reflects broader social dynamics, highlighting their inequalities and systemic obstacles. Thus, the main objective of this work is to identify how higher education mobility impacts the experience and affects the academic performance of students from the Autonomous Region of Madeira. To achieve the outlined objectives, 14 semi-structured interviews were conducted with displaced students. This qualitative approach allowed for an exploration of individual experiences, providing a richer and more complex understanding of the youths' experiences. The interviews revealed a diversity of experiences with both positive and negative aspects. The main factors motivating mobility included the absence of desired courses in Madeira and the search for new experiences and greater independence. Adapting to new contexts presented significant challenges, such as isolation and the management of new financial and academic responsibilities, but also fostered personal development, with greater autonomy and resilience. The transition to higher education is particularly challenging for displaced island students, who face geographical distance and adaptation to different cultural contexts. Educational institutions should consider measures to facilitate this transition, such as flexibility in internships and the early scheduling of assessments. Despite the difficulties, many students were open to new mobility experiences in the future, recognizing the benefits and opportunities they provide.

**KEYWORDS:** Student Mobility; Academic Performance; Displaced Students; Higher Education; Autonomous Region of Madeira.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
1.1. Transição para o ensino superior e desempenho académico .....	3
1.1.1. Características e perspetivas.....	3
1.1.2. Desafios na transição para o ensino superior .....	4
1.2. Mobilidade no ensino superior .....	7
1.2.1. Mobilidade nacional.....	8
1.3. Desigualdades educacionais e sociais na mobilidade estudantil.....	9
1.4. Impacto da mobilidade estudantil .....	11
1.4.1. Impacto da mobilidade no desempenho académico .....	11
1.4.2. Impacto da mobilidade no desempenho académico dos estudantes das Regiões Autónomas .....	13
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	15
2.1. Definição do Problema e Questões de Pesquisa.....	15
2.2. Objetivos da Investigação .....	15
2.3. Metodologia .....	16
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	18
3.1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra.....	18
3.2. Motivações dos Estudantes para a Deslocação .....	21
3.3. Experiência da Mobilidade.....	22
3.3.1. Fase de preparação .....	23
3.3.2. Fase de adaptação.....	24
3.3.3. Contexto económico.....	25
3.3.4. Contexto residencial.....	26
3.3.5. Contexto institucional .....	27
3.4. Impacto da Mobilidade.....	29
3.4.1. Desempenho académico .....	29
3.4.2. Desafios enfrentados pelos estudantes .....	30
3.4.3. Aspetos positivos e negativos da experiência .....	31
3.4.4. De um estudante deslocado, para outros estudantes deslocados .....	33
CONCLUSÃO .....	34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37
ANEXOS.....	40
A. Consentimento Informado e Guião de Entrevista .....	40

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a globalização e a crescente valorização da experiência internacional e regional têm incentivado os estudantes do ensino superior a procurar oportunidades de estudo fora das suas regiões de origem. Esta mobilidade também apresenta desafios significativos: a transição para uma nova cidade implica a adaptação a um novo ambiente, que pode ser particularmente difícil para jovens que estão a deixar pela primeira vez as suas casas.

Assim, esta pesquisa centra-se na compreensão de como a mobilidade afeta as experiências e adaptações dos estudantes da Região Autónoma da Madeira, um grupo que enfrenta desafios devido à sua localização insular. O fenómeno da mobilidade estudantil revela dinâmicas sociais mais amplas que influenciam a trajetória educativa e subjetiva dos estudantes.

A relevância deste estudo reside na sua capacidade de aclarar as interações entre a mobilidade e o desempenho académico, destacando as desigualdades e os obstáculos sistémicos enfrentados pelos estudantes deslocados. Ao explorar essas dinâmicas, a pesquisa pretende contribuir para a Sociologia da Educação, e da mobilidade, oferecendo uma análise dos processos e impactos do fenómeno em estudo. Para alcançar os objetivos delineados, a metodologia escolhida foi a realização de entrevistas semiestruturadas. Este método proporciona a flexibilidade necessária para ajustar as perguntas com base nas respostas dos entrevistados, permitindo uma compreensão mais rica e complexa das experiências individuais dos jovens.

A estrutura desta tese está organizada em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo, “Enquadramento Teórico”, aborda a transição para o ensino superior e o seu impacto no desempenho académico, discutindo as características, desafios, e a mobilidade no contexto educacional. Também explora as desigualdades educacionais e sociais que permeiam a mobilidade estudantil, com foco particular no impacto sobre os estudantes das Regiões Autónomas.

O segundo capítulo, “Metodologia de Investigação”, detalha a definição do problema, as questões de pesquisa, os objetivos da investigação e a metodologia adotada. Este capítulo estabelece a base para a análise dos resultados, garantindo a clareza dos procedimentos metodológicos utilizados.

No terceiro capítulo, “Análise dos Resultados”, apresenta-se uma caracterização sociodemográfica da amostra, seguida de uma análise das motivações dos estudantes para a deslocação, as suas experiências de mobilidade e o impacto destas na vida académica.

Finalmente, a “Conclusão” sintetiza os principais resultados da pesquisa, discutindo as suas implicações práticas e teóricas, e oferecendo recomendações para futuras investigações e políticas educacionais que possam mitigar os desafios enfrentados pelos estudantes deslocados.

## **CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Este capítulo divide-se em quatro pontos principais: a transição para o ensino superior, a mobilidade no ensino superior, as desigualdades educacionais e sociais na mobilidade estudantil, e o impacto da mobilidade. Inicialmente, serão exploradas as características, perspectivas e desafios dessa transição. Em seguida, será discutida a mobilidade no ensino superior, com ênfase na mobilidade nacional. Finalmente, analisar-se-á o impacto da mobilidade no desempenho académico dos estudantes, com um foco especial nos jovens provenientes das Regiões Autónomas.

### **1.1. Transição para o ensino superior e desempenho académico**

A vida académica é considerada, por alguns, como um dos “melhores e mais marcantes períodos da vida de quem passa por ela” (Almeida, 2015, p. 10). É uma fase preenchida por descobertas, liberdades, responsabilidades e amizades; é ainda o tempo em que “se aprende a cair e a levantar” (idem, p. 10). A entrada para o ensino superior coincide com uma época de desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e social, onde o indivíduo constrói a sua identidade, vivencia experiências de aprendizagem e enfrenta desafios. A transição para o ensino superior é também, para muitos dos jovens, o “início de uma nova etapa que marca a sua independência” (Monteiro, 2008, citado por Tavares, 2012, p. 14). Alguns dos estudantes saem de casa pela primeira vez, separando-se dos pais, familiares e amigos, e enfrentam uma mudança “dolorosa” e acompanhada de “sentimentos que podem levá-los ao isolamento e solidão” (Monteiro, 2008, citado por Tavares, 2012, p. 14). A transição para o ensino superior não se resume meramente a uma mudança geográfica com efeitos negativos para os estudantes, esta decisão provoca também o desfecho intrincado de uma “estrutura específica de oportunidades e constrangimentos” (Nico, 2014, p. 106).

#### **1.1.1. Características e perspectivas**

Nos países em desenvolvimento, surge um aumento do desejo em ingressar no ensino superior por parte de grupos de estudantes que anteriormente eram excluídos deste acesso, especialmente aqueles provenientes de famílias com baixo rendimento e condições sociais desfavorecidas (de Oliveira, 2019). A entrada na universidade é vista como uma oportunidade para melhorar as suas vidas e alcançar realizações pessoais. Atualmente, o ensino superior é considerado crucial para o sucesso e o desenvolvimento económico, social e cultural das sociedades do conhecimento. Portanto, essas sociedades exigem níveis cada vez mais altos de qualificação

académica para que seja possível trabalhar com a complexidade e as mudanças sociais e económicas dos tempos modernos (idem).

No contexto da entrada para o ensino superior torna-se crucial analisar os recursos pessoais que os estudantes mobilizam no momento da transição, e de que forma estes recursos atendem às exigências do contexto. Para os autores Almeida, Araújo e Martins (2016) existem diversos fatores, como o *background* cultural, conhecimentos curriculares, métodos de trabalho, clareza do projeto vocacional, maturidade psicossocial, autonomia e redes de suporte familiar e social, que desempenham um papel fundamental no acesso e ajustamento ao ensino superior.

Os estudantes, de acordo com a perceção que possuem da universidade ou instituição em que ingressam, formulam expectativas sobre as suas capacidades e o que desejam alcançar. Estas expectativas variam em intensidade e prioridades, e estão diretamente relacionadas com a motivação e competências de cada estudante. De acordo com os autores (idem), as investigações revelam que os estudantes com expectativas mais elevadas tendem a estar mais envolvidos nas atividades académicas e alcançar os resultados desejados. Por outro lado, os estudantes com expectativas excessivamente altas, por vezes irrealistas, podem ficar frustrados quando as suas capacidades e recursos não atendem às exigências da realidade académica.

### **1.1.2. Desafios na transição para o ensino superior**

Os períodos de transição ou mudança são inevitáveis em qualquer fase da vida, resultando frequentemente em momentos de ansiedade devido às alterações que provocam nos indivíduos (Nico, 1997). Segundo investigações realizadas (Nico, 1997; Doutor & Alves, 2020; Soares, Pinheiro & Canavarro, 2015; Almeida, Araújo & Martins, 2016; Seco et al., 2005), este fenómeno é particularmente evidente durante as transições académicas, nas quais ocorrem desequilíbrios que, por vezes, prejudicam o desenvolvimento normal das atividades escolares, destacando-se, entre elas, a aprendizagem.

A transição para o ensino superior acarreta “um leque muito diversificado de desafios aos estudantes” confrontando-os “com ambientes completamente diferentes daquele que conheceram durante as suas vidas anteriores, na escola secundária e junto da família” (Doutor & Alves, 2020, p. 214).

Esta transição faz surgir mudanças educativas, ecológicas e desenvolvimentais significativas em cada estudante (Soares, Pinheiro & Canavarro, 2015). Os jovens não enfrentam somente um novo ambiente educacional, como também se deparam com uma nova vida autónoma, distante do ambiente familiar e residencial em que viviam. Além disso, esta nova fase implica estabelecer novos relacionamentos, enfrentar responsabilidades financeiras e

académicas, desenvolver a sua autonomia, (re)definir a sua identidade, e adaptar-se a uma educação menos estruturada, mas mais exigente em termos de iniciativa e independência quanto à gestão de recursos e definição de estratégias (idem).

Embora a maioria dos estudantes consiga lidar com estas mudanças e adaptar-se aos desafios com facilidade, alguns vivenciam “estados emocionais desadaptativos, os quais podem precipitar a retenção, o abandono ou a interrupção dos estudos, durante (particularmente com o termo do primeiro semestre) ou no final do ano letivo” (DeBerard et al., 2008; Hillman, 2005; Santos, 2007; citados por Soares, Pinheiro & Canavarro, 2015, p. 9). No que toca os estudantes com menor capacidade autónoma, os horários curriculares, as relações menos próximas com os docentes e colegas de turma, assim como o facto de não existir um manual restrito a cada unidade curricular, podem ser considerados desafios de adaptação ao ensino superior (Almeida, Araújo & Martins, 2016; Doutor & Alves, 2020).

As dificuldades e os desafios enfrentados pelos estudantes durante esta fase podem, também, servir como um catalisador para o desenvolvimento pessoal e profissional (idem). Os jovens são incentivados a amadurecer e a desenvolver estratégias de *coping* e resolução de problemas, que os poderão auxiliar durante os anos académicos, e serão valiosas para o seu crescimento.

### **1.1.3. Fatores determinantes no desempenho académico**

Tal como mencionado anteriormente, a entrada na universidade representa uma transição marcante na vida do estudante, caracterizada por mudanças abruptas e desafiadoras. O cenário universitário introduz novos elementos: uma instituição desconhecida, professores e colegas novos, metodologias de ensino diferentes, um conjunto de responsabilidades e rotinas novas, muitas vezes num ambiente distante das suas famílias (Nico, 1997; Eryilmaz et al., 2023). Todos estes fatores influenciam significativamente a capacidade de interação social do estudante, afetando diretamente a qualidade da sua trajetória escolar nesta fase da vida (idem).

Numa perspetiva um pouco diferente, os autores Almeida, Araújo e Martins (2016) referem que, dentro do contexto amplo que é o desempenho académico, o estudante emerge como o protagonista principal. Embora as influências sociais, institucionais, e o ambiente académico desempenhem papéis cruciais, os autores indicam o estudante como o principal agente da sua própria formação e sucesso académico. Sob uma ótica construtivista e de desenvolvimento pessoal, os autores mencionam que o sucesso no ensino superior não é apenas moldado por fatores externos, mas também internos, como a capacidade de adaptação do estudante, a proatividade e iniciativa do mesmo e a sua participação na construção do conhecimento. Assim,

esta dinâmica entre fatores externos e internos não define somente a jornada acadêmica, como também contribui para o crescimento pessoal e educacional do estudante ao longo deste período desafiante.

No estudo recente de Eryilmaz et al. (2023), os participantes indicaram que diversos fatores influenciaram a sua adaptação ao ambiente universitário. Estes incluem adaptabilidade ao curso, formação educacional, ambiente social, competências sociais do próprio estudante, abertura para novas experiências, influência dos familiares, participação em atividades acadêmicas, familiaridade com a nova cidade e experiências anteriores em cidades diferentes antes da universidade. Além disso, os traços de personalidade, as competências sociais e a participação nas atividades foram identificadas como fatores internos dos estudantes que contribuem para sua boa adaptação à universidade.

Foi ainda anunciado que os participantes revelaram algumas experiências menos positivas de vida pré-universitária, como a separação da família e dificuldades de transporte, indicando estas como fatores que reduzem o nível de adaptação em contexto universitário. A estes, adicionaram-se o escasso acesso a serviços como alojamento e alimentação e sentimentos de desvalorização.

As origens socioeconômicas de um indivíduo também têm um impacto no seu desempenho acadêmico, de acordo com a teoria de Bourdieu (Bourdieu, Passeron & Nice, 1977). Estes fatores incluem a classe social, o capital econômico, cultural e social que a família do estudante possui. Primeiramente, a classe social de uma família determina o acesso a recursos financeiros, como as instituições de ensino frequentadas, os livros e outro tipo de material escolar, em que todos influenciam diretamente a qualidade da educação recebida. Em segundo lugar, o capital cultural – que inclui o conhecimento, competências e valores transmitidos dentro de uma família – desempenha um papel igualmente importante, visto que, os estudantes cujos pais têm escolaridades mais elevadas tendem a estar mais familiarizados com as expectativas e normas acadêmicas. Por fim, o capital social, que se refere à qualidade das redes de apoio social disponíveis para o próprio estudante, pode também ser decisivo.

Tal como os mencionados anteriormente, os fatores institucionais também desempenham um papel fundamental no desempenho acadêmico dos estudantes universitários: o “tamanho da instituição educacional”, a “qualidade dos discentes e dos docentes”, os “equipamentos e demais instalações pedagógicas e administrativas”, os “recursos didáticos”, o “modo de conduzir as atividades em sala de aula”, entre outros fatores (Andriola, 2009).

## 1.2. Mobilidade no ensino superior

O conceito de mobilidade estudantil (Nico, 1997; de Sousa, 2020; Andrade, Macedo e Denis, 2019), a nível do ensino superior, refere-se à deslocação geográfica do estudante da sua residência habitual para a cidade em que deverá progredir com os seus estudos. Este processo oferece aos jovens a oportunidade de frequentar uma educação de nível superior, muitas vezes em instituições de renome, que não estão disponíveis nas suas cidades de origem. Além disso, estudar numa cidade desconhecida proporciona ao estudante uma experiência enriquecedora, permitindo que os jovens vivenciem novas culturas, rotinas e perspetivas, o que contribui significativamente para o seu desenvolvimento pessoal e (re)definição de identidade (Nico, 1997).

Knight (2014, citado por de Sousa, 2020) refere que nos primeiros anos do século XXI, alguns países começaram a promover a mobilidade académica em grande escala, e gerou-se a previsão de que a terceira geração deste movimento seja marcada pelos chamados “pólos educacionais”, ou seja, cidades e zonas específicas dedicadas à educação (idem). A mobilidade, mais especificamente a mobilidade estudantil, encontra-se em evolução, movendo-se de uma estrutura baseada na cooperação e desenvolvimento para um modelo assente no mercado e na competitividade (de Sousa, 2020).

No artigo de Andrade, Macedo e Denis (2019) é abordada a importância crescente da mobilidade académica nas sociedades do conhecimento. As instituições de ensino superior estão cada vez mais conscientes da necessidade de promover intercâmbios de docentes e estudantes para enriquecimento científico e cultural. Para estes autores, a mobilidade é considerada o centro da internacionalização, sendo vista como uma janela aberta para as oportunidades relativas à aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Existem até programas, como o Erasmus+, que desempenham um papel fundamental nessa área, embora a percentagem atual de estudantes em mobilidade ainda esteja abaixo das metas estabelecidas (idem).

Acrescenta-se que a mobilidade estudantil cria ambientes interculturais propícios para o desenvolvimento do pensamento, aquisição de conhecimentos, atitudes e competências (idem). Estes ambientes promovem também novas relações e aprendizagens informais, facilitadas pela circulação de ideias de diferentes áreas, locais e contextos. Na opinião destes autores, a mobilidade estudantil não reforça apenas a confiança e a relação entre indivíduos de diferentes nacionalidades, mas também fortalece os laços interculturais essenciais para enfrentar os desafios que se enfrenta no século XXI.

### **1.2.1. Mobilidade nacional**

Costa (2018) percebeu, através dos resultados exploratórios de uma experiência de ensino-aprendizagem, que, por todo o mundo, muitos estudantes enfrentam a necessidade de mudar de residência ao ingressarem nas suas vidas universitárias. Geralmente, quando analisado do ponto de vista económico ou geográfico, esse fenómeno tem sido estudado de uma perspetiva externa ao estudante (Costa, 2018).

A distância das instituições de ensino superior, bem como a falta de diversidade das mesmas em certas áreas geográficas, são fatores predominantes mencionados. Além disso, nos depoimentos da investigação realizada por Vieira (2018), surgem preocupações emocionais relacionadas com a separação da família e da rede de apoio social, destacando-se como barreiras significativas à mobilidade por parte dos estudantes – ou seja, por não quererem ficar longe do ambiente familiar, optam por não prosseguir com os seus estudos numa cidade que ficará afastada deste apoio.

Complementando a esta visão, a pesquisa conduzida pelos autores Martins, Mauritti e Costa (2005) reforça a ideia de que os estudantes do ensino superior demonstram “pouca mobilidade” (p. 43) visto que a “permanência em casa dos pais é percebida pelos estudantes como garantia de melhores condições de vida no contexto atual” (p. 43).

Na primeira fase do Concurso Nacional de Acesso para o ano letivo 2023/2024, um total de 49.438 novos estudantes foram admitidos no ensino superior público. De entre esses, 56% conseguiram vaga na sua primeira opção, enquanto 87% foram admitidos numa das três primeiras opções (República Portuguesa, 2023). Abordando mais especificamente o caso da Região Autónoma da Madeira, dos 1.680 estudantes que se candidataram, 1.529 foram admitidos na universidade durante a primeira fase, o que representa uma percentagem de sucesso de 91% para os candidatos residentes na região, e destes, apenas 571 foram colocados na Universidade da Madeira (RTP Madeira, 2023).

No estudo de caso realizado por Costa (2018), foram entrevistados 21 estudantes deslocados da Universidade de Évora. Este estudo mostrou que a regularidade das idas e vindas entre o local de residência permanente e o local onde estudam varia consideravelmente; alguns estudantes fazem essa viagem de forma regular, seja semanalmente, a cada duas semanas ou mensalmente. Para outros, o regresso a casa é mais esporádico, ocorrendo apenas durante as férias escolares ou uma vez por ano. Em alguns casos mais raros, esse movimento não ocorre, especialmente quando os estudantes planeiam voltar para casa somente ao concluir o curso que frequentam.

Às vezes, a mobilidade inerente à vida dos estudantes que vivem longe de casa parece ser uma parte comum e quase despercebida das suas rotinas diárias por estarem tão habituados à mesma (idem). No caso dos estudantes que voltam a casa todos os fins de semana, as suas rotinas envolvem fazer e desfazer malas constantemente. Cada viagem realizada é sinónimo de chegar a casa com malas cheias de roupas sujas e caixas de plástico vazias, e regressar no final do domingo com roupas lavadas, passadas a ferro e comida pronta para a próxima semana. Os pais, que não se limitam apenas às tarefas domésticas, dedicam grande parte dos seus fins de semana a preparar refeições e organizar vestuário para os seus filhos universitários.

Outras vezes, os quilómetros que separam a residência habitual e a residência em tempo de aulas impedem as visitas semanais a casa. Nestes casos, “a diferença entre o quotidiano ‘cá’ e ‘lá’ é mais visível, também porque implica outros ritmos e atividades, que nalguns casos chega, mesmo a (de)marcar a diferença entre ‘nós’ e ‘os outros’” (Costa, 2018, s.p.). Alguns estudantes naturais das ilhas (Região Autónoma da Madeira ou Região Autónoma dos Açores), a título exemplificado, deslocam-se às suas casas somente em ocasiões festivas, devido às despesas das viagens (idem).

Costa (2018) dedicou uma atenção especial à observação das rotinas de cada estudante deslocado, capturando momentos específicos no seu diário de bordo que considerou pertinentes para esta investigação. Observou e articulou que os:

*[...] “quotidianos a partir de dentro, isto é, ouvindo os próprios estudantes e observando fragmentos do seu dia-a-dia não pode senão deixar-nos mais atentos para o modo como os conceitos – e experiências – de distância e mobilidade surgem ligados de muitas formas nas rotinas dos estudantes, nem sempre coincidentes e frequentemente ocultas” (Costa, 2018, s.p.).*

Nico (2014) argumenta que a mobilidade social está frequentemente associada à procura por uma melhoria das condições de vida. Embora esse conceito esteja mais diretamente relacionado com mudanças socioeconómicas, podemos encontrar paralelos na mobilidade estudantil. Neste contexto, a mobilidade estudantil pode ser interpretada como uma procura por melhores oportunidades educacionais, levando os estudantes a deslocarem-se das suas residências habituais para novas cidades com o propósito de prosseguir os seus estudos.

### **1.3. Desigualdades educacionais e sociais na mobilidade estudantil**

Bourdieu e Passeron (1977), analisam de forma aprofundada sobre como as estruturas sociais influenciam a educação e, por conseguinte, o desempenho escolar dos estudantes. Os sociólogos começam por argumentar que as instituições académicas tendem a perpetuar as desigualdades sociais existentes (idem), o que, em contextos de mobilidade, os estudantes provenientes de

origens socioeconômicas mais desfavorecidas podem acarretar dificuldades na integração de um ambiente escolar que valoriza, maioritariamente, as normas e valores das classes dominantes. Consequentemente, a sua capacidade de adaptação pode sofrer um impacto negativo, afetando assim o seu desempenho escolar.

O conceito de *habitus*, como discutido por Bourdieu e Passeron (1977), descreve um conjunto de normas, valores e preferências internalizadas que uma pessoa adquire em função das suas experiências de vida. Estas normas moldam a maneira como uma determinada pessoa percebe o mundo, responde a situações e toma decisões, tratando-se de uma estrutura mental que influencia as escolhas e comportamentos de um indivíduo (*idem*). Assim, na perspectiva dos sociólogos (Bourdieu & Passeron, 1977), o *habitus* é uma lente útil para compreender a forma como as desigualdades sociais se perpetuam, especialmente no contexto educacional, onde diferentes origens socioeconômicas moldam os modos de pensar e agir dos estudantes, influenciando os seus percursos escolares. Relacionando estes argumentos com a mobilidade estudantil, os estudantes deslocados trazem consigo um *habitus* formado no seu ambiente de origem e, ao integrarem um ambiente novo, pode entrar em conflito com as expectativas e normas de cada estudante, causando dificuldades de adaptação e, consequentemente, afetam o desempenho académico. No entanto, esse *habitus* pode também ser complementado pelas novas experiências vivenciadas no novo ambiente, potencialmente enriquecendo a sua adaptação e crescimento pessoal.

Para os estudantes que vêm de origens socioculturais menos privilegiadas, a situação agudiza-se visto que não só enfrentam dificuldades devido à falta de familiaridade com as realidades que encontraram e escassez de recursos pessoais para lidar com essas demandas. Geralmente, estes estudantes são os que mais necessitam de apoio (Barros Torres & Almeida, 2021).

Considerando a ideia de “capital económico” como a posse de bens materiais, os autores Oliveira e Kulaitis (2017, p.16), referem que Bourdieu ampliou essa conceção para abranger um conjunto de bens simbólicos – não apenas conhecimentos adquiridos através de instituições escolares (capital escolar), mas também objetos culturais (como obras de arte, instrumentos musicais, livros, entre outros). Dessa forma, Bourdieu introduziu o conceito de capital cultural. Nesta questão, a perspectiva do capital cultural, que sugere que os estudantes provenientes das famílias com menor nível deste capital estarão em risco de serem excluídos do contexto cultural da classe dominante, composta por determinados valores, hábitos e formas de se expressar que não são transmitidos pelo sistema da educação formal, mas são transmitidos no seio do ambiente familiar (Bourdieu, 2010, citado por Barros Torres & Almeida, 2021).

Embora não haja uma comparação direta desses conceitos (*habitus* e capital cultural) com a mobilidade estudantil, os autores (Oliveira & Kulaitis, 2017) indicam que, ao explorarmos os conceitos, percebemos que a “singularidade das trajetórias sociais, que é finalmente a trajetória individual relativa à posição relacional ocupada no espaço social, pode ser desenhada nessa espécie de topografia social proposta por Bourdieu” (p. 44).

## **1.4. Impacto da mobilidade estudantil**

### **1.4.1. Impacto da mobilidade no desempenho acadêmico**

A mobilidade estudantil no ensino superior pode ser analisada pela sua complexidade em que se reconhece os seus benefícios, mas também os seus desafios. Apesar da mobilidade ser promovida como uma ferramenta de enriquecimento cultural, acadêmico e desenvolvimento pessoal por muitos autores (Andrade, Macedo & Denis, 2019; Almeida, 2015; Martins, Mauritti, & Machado, 2021; Costa & Lopes, 2008), é relevante também perceber como este tema afeta o desempenho escolar dos estudantes (Costa, 2018; Sá et al., 2021; Seco et al., 2005; Tavares, 2014; Silva & Duarte, 2012; Eryilmaz et al., 2023).

Segundo os autores Costa e Lopes (2008), os fatores que influenciam positivamente uma “trajetória acadêmica bem-sucedida” são: “um quadro familiar, cultural e economicamente propício e a estabilidade financeira do aluno que lhe assegure as necessidades específicas, como propinas e materiais didáticos necessários, e não condicione o decurso da sua vida em questões como o alojamento, caso esteja deslocado, ou a alimentação” (p. 257). Na opinião dos mesmos autores (Costa & Lopes, 2008), a mobilidade estudantil nem sempre é algo desfavorável no processo de transição para o ensino superior, “constituindo para alguns, até, uma mais-valia, pois a gestão das prioridades, em muitos casos, é feita com responsabilidade acrescida” (p. 299).

Observando os contextos dos estudantes investigados, Costa e Lopes (2008) realçam que a “transição para um novo quadro de interação é, em geral, positiva” (idem, p.566). Considerando esses contextos, os estudantes não tinham, antes de ingressar no ensino superior, redes sociais relacionadas aos estudos. Dessa forma, a reconfiguração das ligações sociais que ocorre durante a transição para o ensino superior, muitas vezes combinada com uma mudança de residência, especialmente para os estudantes deslocados, desempenha um papel crucial para alcançarem o sucesso no ensino superior (idem).

Não obstante, num estudo exploratório (Costa, Vieira & Vieira, 2015; Costa, Vieira & Vieira, 2017, citados por Costa, 2018) realizado a estudantes do 1º ciclo da Universidade de Évora, os resultados recolhidos pelo inquérito por questionário demonstraram que a maioria dos estudantes acredita que, de maneira geral e especialmente no seu caso em concreto, a

distância tem um “impacto negativo” (s.p.) no seu desempenho acadêmico. A análise dos resultados recolhidos (idem) indica que as razões para essa influência adversa podem ser categorizadas em duas dimensões principais, que representam tanto o aspeto perceptível, quanto o subentendido, da distância. O primeiro aspeto refere-se ao tempo dedicado às viagens de ida e volta à casa da família; o segundo está relacionado com as saudades dos familiares e amigos (idem; Silva & Duarte, 2012).

O estudo realizado pelos autores Seco et al. (2005) chegou à conclusão de que os estudantes que abandonam as suas residências tendem a sentir uma maior necessidade e iniciativa para conceber novas interações sociais e envolver-se em atividades académicas, especialmente na sua instituição de ensino superior. Estes fatores traduzem-se numa evolução notável na esfera interpessoal dos estudantes deslocados, contudo, em contraste com o mencionado, os estudantes não deslocados demonstraram níveis mais elevados de bem-estar psicológico, estabilidade emocional e afetiva, além de uma perceção mais positiva das suas competências (gerir o seu tempo, organizar os seus métodos de estudo, adoção de estratégias de aprendizagem eficazes) e autoconfiança (idem). Estes estudantes não deslocados também revelam uma maior integração na instituição que frequentam, demonstrando um nível elevado de satisfação e integração social. Os jovens que continuam a residir com as suas famílias parecem estar mais familiarizados com os recursos e serviços disponíveis na instituição, aproveitando essas vantagens de forma mais eficaz (idem).

Com base nessas descobertas, os autores concluíram que os estudantes não deslocados experienciam um apoio emocional, psicológico e talvez até material mais significativo por parte das suas figuras de apoio, o que contribui para um maior bem-estar geral e impactos positivos no seu processo de adaptação ao ensino superior e respetivo desempenho académico.

Conforme Costa e Lopes (2008), os estudantes destacam a relevância de transitar para o ensino superior com colegas do ensino secundário ou de procurar apoio de amigos que já estão matriculados na instituição em que foram admitidos. Para alguns jovens deslocados, “a possibilidade de ingressarem numa instituição de ensino em conjunto com outros colegas do ensino secundário, tende a assumir uma importância significativa para a sua integração no contexto de ensino superior e cidade, na medida em que tendem a partilhar a mesma casa” (idem, p. 336).

Na sua pesquisa, Tavares (2014) refere que os alunos não deslocados da sua zona de residência têm tendência a adaptarem-se mais facilmente ao ensino superior, do que os

estudantes deslocados. Além disso, a “mobilidade involuntária”<sup>1</sup> está relacionada com a taxa de mudança/transferência e taxa de abandono escolar (Sá et al., 2021, p. 85).

Sá et al. (2021, p. 85) concluíram que os cursos com percentagens altas de estudantes em “mobilidade involuntária” exibem menores taxas de abandono. Contudo, quando analisados em conjunto com as altas taxas de transferência e baixas taxas de permanência, esse padrão torna-se mais compreensível. Os estudantes neste tipo de situação encontram-se comprometidos com o ensino superior, como é evidenciado pelas suas matrículas. No entanto, insatisfeitos com a localização da instituição de ensino superior, muitos optam por mudar de curso e/ou instituição um ano após a matrícula.

A investigação de Sá et al. (2021) averigua a interação complexa entre o contexto socioeconómico dos estudantes e o seu desempenho escolar no ensino superior. A mobilidade influencia a aquisição de capital social para que o estudante prossiga com os seus estudos de forma organizada, sem que o seu desempenho escolar seja afetado pelas (possíveis) dificuldades económicas. Assim, seguindo esta linha de pensamento, os autores identificaram que os estudantes provenientes de contextos mais desfavorecidos têm maior probabilidade de abandonar o ensino superior.

Numa análise de um estudo de caso sobre o abandono dos estudos na Universidade de Évora, os participantes indicaram que as dificuldades em lidar com a distância das suas casas (sentimento de solidão), dificuldade em gerir as tarefas domésticas sem a ajuda do seu progenitor, as viagens constantes de ida e volta, entre outros, foram os obstáculos mais frequentemente mencionados entre os motivos associados à fase de adaptação à universidade (Costa et al., 2015, citados por Costa, 2018).

#### **1.4.2. Impacto da mobilidade no desempenho académico dos estudantes das Regiões Autónomas**

Muitas vezes, quando se aborda o tema da mobilidade estudantil, a discussão tende a focar-se na dimensão internacional, ou seja, nos movimentos entre países ou continentes que podem variar em termos de diferenças culturais. Em contraste, raramente se considera a componente geográfica interna, que envolve os deslocamentos dentro do próprio país, de diferentes escalas e frequências, incluindo estudantes que residem habitualmente noutras regiões do país, bem

---

<sup>1</sup> «Foram identificados dois grupos de estudantes: (i) estudantes em situação de mobilidade involuntária; i.e., estudantes que estão matriculados em cursos/IES num distrito diferente daquele onde residiam, tendo o curso/estabelecimento da sua primeira opção sido no distrito em que residiam; e (ii) estudantes em situação de imobilidade involuntária; i.e., estudantes que estão matriculados em cursos/IES no distrito onde residiam, tendo o curso/estabelecimento da sua primeira opção sido num distrito diferente daquele em que residiam.» (Sá et al., 2021, p. 85).

como aqueles que vêm de outros distritos (Costa, 2018) ou, por vezes, das ilhas. Esta dissertação pretende focar-se, assim, nestes estudantes menos presentes na literatura.

O estudo de Sá et al. (2021) analisa padrões de preferência relativamente às instituições de ensino superior em Portugal, com foco no ano 2019. Os resultados revelaram que a maioria dos candidatos a ensino superior preferem as instituições localizadas nos seus próprios distritos, visto que, “65% ou mais dos candidatos em primeira opção provêm do próprio distrito da IES, sendo esse peso mais expressivo nas universidades das regiões autónomas” (Sá et al., 2021, p. 55). Além disso, o estudo indicou que 8 universidades públicas têm mais estudantes matriculados do próprio distrito iguais ou superiores a 61%, com esse número sendo ainda mais alto para as instituições de ensino superior das regiões autónomas. Em síntese, segundo as informações recolhidas por Sá et al., pode então concluir-se que os estudantes portugueses optam por prosseguir os seus estudos nas proximidades da sua residência.

Os jovens madeirenses e açorianos preferem frequentar uma IES da própria região, do que numa cidade distante da que residem precisamente por estarem sujeitos a deparar-se com uma nova vida autónoma, longe da sua família e ambiente habitual, e enfrentarem responsabilidades financeiras e académicas sem o apoio dos próximos (Soares, Pinheiro & Canavarro, 2015).

No caso dos estudantes que arriscam e ingressam numa vida académica autónoma, são diversos os fatores que influenciam a sua adaptação ao novo contexto. Estes incluem adaptação ao curso, novo ambiente social e nova cidade, (re)adequação das suas competências sociais, abertura para novas experiências e apoio dos familiares (Eryilmaz et al., 2023). Por outro lado, surgem fatores que reduzem o nível de adaptação dos estudantes deslocados, como é exemplo as dificuldades de comunicação com os docentes, escasso acesso a serviços (alojamento, alimentação, apoios psicológicos e financeiros) (idem), as despesas associadas a viagens, a pouca frequência com que visitam as suas casas (Costa, 2018), bem como a nova adaptação a uma vida doméstica autónoma.

## **CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

O presente capítulo apresenta a definição da problemática de investigação e respetivas questões de pesquisa, bem como os seus objetivos. Numa fase posterior, é descrito qual o método e técnica de investigação adotados no processo. Por fim, menciona-se qual o instrumento de recolha de informação e de que forma esta foi tratada e analisada.

### **2.1. Definição do Problema e Questões de Pesquisa**

A mobilidade estudantil é um processo que pode ser analisado sociologicamente, já que não reflete somente os desafios individuais, mas também revela dinâmicas sociais mais amplas, destacando a ligação entre as trajetórias educacionais e as estruturas sociais, manifestando desigualdades e obstáculos sistémicos.

Tratando-se de uma temática relevante para a Sociologia da Educação, esta investigação pretende compreender os processos de mobilidade estudantil, explorar de forma aprofundada o impacto deste fator na vida académica dos estudantes do ensino superior, mais especificamente os estudantes provenientes da Região Autónoma da Madeira, considerando as suas implicações práticas, bem como as dimensões económicas, sociais e institucionais. Pretende-se analisar de que forma as deslocações geográficas e a adaptação a novos contextos, são fatores que influenciam os padrões, processos e experiências deste grupo de jovens.

Deste modo, esta investigação procura focar a sua atenção nas seguintes questões:

- Como foi o processo de decisão de estudar numa localidade distante da residência habitual? Quais foram os fatores determinantes nesta decisão?
- Quais são os impactos socioculturais, académicos e pessoais da mobilidade geográfica dos estudantes universitários madeirenses?
- Que competências foram adquiridas como resultado da experiência de deslocação?

### **2.2. Objetivos da Investigação**

Face à realidade anteriormente mencionada, apresenta-se como objetivo geral de investigação: identificar de que forma a mobilidade no ensino superior afeta a experiência e o desempenho académico dos estudantes da Região Autónoma da Madeira. E como objetivos específicos:

- i. Conhecer as motivações dos estudantes relativamente à sua deslocação para darem continuidade aos seus estudos.
- ii. Explorar a experiência global da mobilidade, abrangendo todo o processo.

- iii. Identificar as competências desenvolvidas durante a experiência de deslocação dos estudantes.

### 2.3. Metodologia

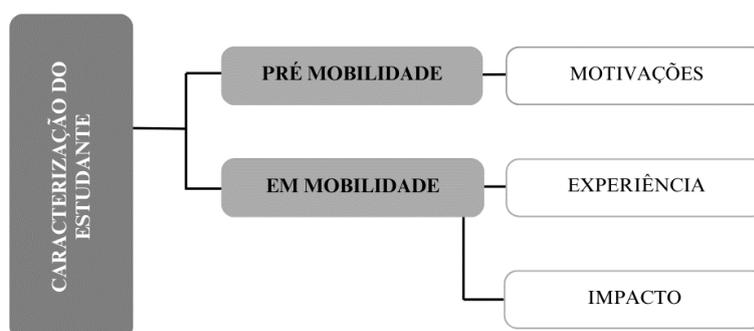
De forma a responder às questões de pesquisa, foram estudadas as seguintes dimensões de análise, que podem ser descritas utilizando as categorias apresentadas no seguinte quadro:

Tabela 1: Dimensões e Categorias de Análise

<b>Dimensões</b>	<b>Categorias</b>
<i>Caracterização do Estudante</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade</li> <li>• Género</li> <li>• Curso e Instituição</li> <li>• Contexto Socioeconómico</li> </ul>
<i>Motivações para a Deslocação</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fatores de Escolha</li> <li>• Contexto Social</li> <li>• Contexto Económico</li> <li>• Instituição e Curso Pretendidos</li> <li>• Apoio Familiar</li> <li>• Expectativas do Estudante</li> </ul>
<i>Mobilidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Integração</li> <li>• Contexto Residencial</li> <li>• Contexto Institucional</li> <li>• Contexto Económico</li> <li>• Apoios / Acesso a Recursos</li> <li>• Desafios Académicos</li> </ul>
<i>Impactos da Mobilidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Autonomia</li> <li>• Relações Interpessoais</li> <li>• Resolução de Problemas / Conflitos</li> <li>• Gestão de Recursos</li> <li>• Outras Competências Desenvolvidas</li> </ul>

Considerando a relação entre estas dimensões de análise e o seu impacto direto ou indireto na experiência de mobilidade dos jovens, propõe-se o seguinte modelo de análise:

Figura 1: Modelo de Análise



Visando compreender as dimensões delineadas, foi definido o recurso a entrevistas semiestruturadas, por estas serem ferramentas essenciais que permitem flexibilidade, ajustando as perguntas com base nas respostas dos entrevistados, e obter assim uma compreensão mais complexa das experiências de cada jovem. Este método facilita também a exploração de narrativas pessoais, captando as motivações, os desafios enfrentados e as percepções dos estudantes. Esta tipologia de entrevista, que faz parte de uma abordagem qualitativa, permite ao investigador utilizar um conjunto de perguntas previamente planeadas e, simultaneamente, adicionar novas perguntas que podem surgir durante a conversa (Fraser & Gondim, 2004). Assim, o entrevistador tem um maior controlo sobre os tópicos que deseja explorar, mas também deixa espaço para que o entrevistado reflita espontaneamente sobre os assuntos discutidos (idem).

Para sustentar a metodologia de recolha de dados qualitativos, foi construído um guião (ver Anexo A) dividido em várias secções: caracterização sociodemográfica dos jovens, motivações para a deslocação, a experiência da mobilidade, impactos da mobilidade e um balanço final sobre toda essa experiência. Os critérios para selecionar os jovens entrevistados incluíram idades compreendidas entre os 19 e 25 anos e matrícula atual ou anterior em instituições universitárias ou politécnicas públicas em vários distritos de Portugal continental. Estes critérios tornam-se importantes para assegurar que os participantes têm experiências de mobilidade recentes e relevantes para o estudo, mas também diversas pelos locais onde estudam ou estudaram.

Estes critérios foram acompanhados de um protocolo para recolha dos consentimentos informados, garantindo as condições de confidencialidade e anonimato, essenciais nas pesquisas qualitativas. O convite para participar no estudo foi inicialmente enviado a jovens que se enquadravam nos critérios estabelecidos, no entanto, posteriormente a algumas entrevistas, recorreu-se à estratégia “bola de neve”, que permitiu que os participantes iniciais indicassem novos participantes para o estudo. No final, contabilizaram-se 14 jovens que participaram na entrevista. As entrevistas foram realizadas maioritariamente em formato *online*, utilizando a plataforma Zoom, devido ao facto de os jovens estarem fora da sua residência em fase de exames. No entanto, foi possível entrevistar presencialmente três jovens que estavam na Madeira.

Após a recolha de dados, as entrevistas foram transcritas integralmente e o conteúdo foi analisado utilizando o *software* MAXQDA.

## CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, proceder-se-á à análise detalhada dos dados recolhidos durante a investigação, com o intuito de compreender as diversas dimensões da mobilidade estudantil entre os estudantes da Região Autónoma da Madeira. A análise está estruturada em quatro secções principais: a caracterização sociodemográfica da amostra, as motivações dos estudantes para a deslocação, a experiência da mobilidade, e o impacto da mobilidade nas suas vidas académicas e pessoais.

### 3.1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Através de entrevistas, procurou-se compreender os desafios, as motivações e os impactos da mobilidade na vida dos jovens madeirenses. Antes de iniciarmos a análise das entrevistas, é importante apresentar uma visão geral dos dados sociodemográficos da amostra. Neste sentido, apresenta-se uma tabela – onde se utilizaram nomes fictícios para preservar a privacidade dos participantes – que detalha informações sobre a idade, o género, a profissão e escolaridade dos pais, e se os estudantes receberam bolsa de estudo.

Tabela 2: Caracterização da Amostra

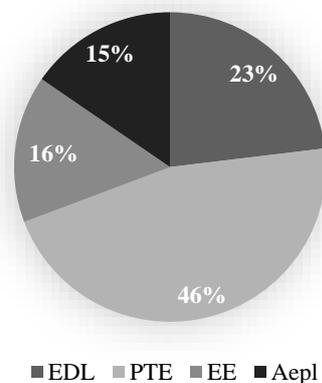
<i>Entrevistado</i>	<b>Idade</b>	<b>Género</b>	<b>Profissão dos Pais</b>	<b>Escolaridade dos Pais</b>	<b>Classe social</b>	<b>Bolsa de Estudo</b>
<i>Fátima</i>	22	Feminino	Assistente Operacional	12º ano	EE	Recebeu
<i>Filipa</i>	21	Feminino	Psicóloga Polícia	Mestrado 12º ano	EDL	Não recebeu
<i>Francisco</i>	20	Masculino	Contabilista Recursos Humanos	12º ano 12º ano	PTE	Recebeu
<i>João</i>	24	Masculino	Professora Padeiro	Licenciatura 9º ano	PTE	Não recebeu
<i>José</i>	19	Masculino	Professora Professor	Licenciatura Licenciatura	PTE	Não recebeu
<i>Luís</i>	19	Masculino	Contabilista Professor e Contabilista	Licenciatura Licenciatura	EDL	Recebeu
<i>Mafalda</i>	21	Feminino	Técnica Administrativo Diretor da DRCCE	12º ano Mestrado	EDL	Não recebeu
<i>Manuel</i>	19	Masculino	Auxiliar de Domiciliário Motorista de Autocarros	12º ano 12º ano	AEpl	Recebeu
<i>Maria</i>	22	Feminino	Esteticista Técnico Fiscal Governo	9º ano 12º ano	PTE	Recebeu
<i>Marta</i>	19	Feminino	Professora Designer Gráfico	Licenciatura 12º ano	PTE	Recebeu
<i>Patrícia</i>	22	Feminino	Inativa	11º ano		Recebeu
<i>Pedro</i>	23	Masculino	Assistente de Consultório Técnico Administrativo	12º ano 7º ano	EE	Recebeu
<i>Rodrigo</i>	21	Masculino	Professora	Licenciatura	PTE	Recebeu
<i>Sofia</i>	19	Feminino	Empregada Doméstica Motorista de Pesados	6º ano 6º ano	AEpl	Recebeu

Ao analisar a tabela com os dados sociodemográficos dos entrevistados, podemos inferir que as entrevistas alcançaram 14 jovens madeirenses. Estes jovens, com idades compreendidas entre os 19 e os 24 anos, tiveram experiências de mobilidade em todo o país, frequentando instituições em diferentes localidades, como veremos mais adiante.

Constata-se um equilíbrio na representação de género, com 50% (N=7) dos entrevistados do género masculino, e os restantes 50% do género feminino. Apesar da moda ser 19 anos, a média das idades é de aproximadamente 20,8 anos.

Baseando-me na matriz de construção do indicador socioprofissional individual de classe, conforme delineado por Firmino da Costa (2008), calculei a classe socioeconómica de cada família dos entrevistados, obtendo os seguintes dados:

Gráfico 1: Indicador Socioprofissional Individual de Classe



Dos entrevistados, 23% pertencem a famílias classificadas na categoria EDL (empresários, dirigentes e profissionais liberais), uma classe geralmente associada a um nível socioeconómico mais prestigiado. A maior parte das famílias dos entrevistados, 46%, está inserida na classe PTE (profissionais técnicos e de enquadramento), que inclui profissionais com formação técnica ou superior que desempenham funções de nível intermediário a superior nas suas respetivas áreas. Por fim, 16% pertencem à classe EE (empregados executantes) e 15% das famílias dos entrevistados pertencem à classe Aepl (assalariados executantes pluriactivos), uma categoria caracterizada por trabalhadores assalariados que desempenham funções operacionais.

Em resumo, a distribuição das classes socioeconómicas dos entrevistados mostra uma predominância de famílias de classe média-alta, com uma presença significativa de classes mais elevadas e uma menor representação de classes trabalhadoras. Estes dados sugerem que a maioria dos entrevistados tem um contexto familiar que lhes proporciona estabilidade e oportunidades, embora uma parte ainda enfrente desafios relacionados a menores recursos financeiros e estabilidade profissional.

Dos entrevistados, 71% (N=10) receberam bolsas de estudo, enquanto 29% (N=4) não receberam. Isto mostra que a maioria teve apoio financeiro durante a mobilidade, facilitando a experiência académica e pessoal. No entanto, uma parte significativa enfrentou desafios adicionais devido à ausência de bolsas, destacando a necessidade de mais suporte financeiro para esses estudantes.

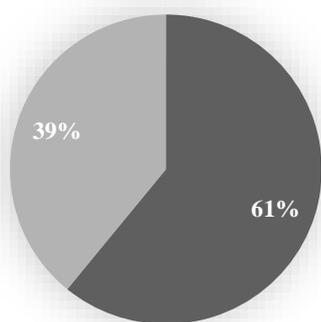
Tabela 3: Caracterização Escolar da Amostra

<i>Entrevistado</i>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Área do Curso</b>	<b>Distrito</b>	<b>Concluiu os estudos?</b>
<i>Fátima</i>	Politécnico	Artes	Castelo Branco	Sim
<i>Filipa</i>	Politécnico	Ciências Empresariais	Porto	Não
<i>Francisco</i>	Universidade	Artes	Lisboa	Não
<i>João</i>	Universidade	Saúde	Coimbra	Não
<i>José</i>	Politécnico	Artes	Leiria	Não
<i>Luís</i>	Universidade	Engenharia e Técnicas Afins	Évora	Não
<i>Mafalda</i>	Universidade	Engenharia e Técnicas Afins	Lisboa	Não
<i>Manuel</i>	Universidade	Arquitetura e Construção	Évora	Não
<i>Maria</i>	Universidade	Informação e Jornalismo	Lisboa	Não
<i>Marta</i>	Universidade	Artes	Porto	Não
<i>Patrícia</i>	Politécnico	Serviços Sociais	Beja	Não
<i>Pedro</i>	Universidade	Arquitetura e Construção	Lisboa	Não
<i>Rodrigo</i>	Politécnico	Serviços Pessoais	Castelo Branco	Não
<i>Sofia</i>	Universidade	Ciências da Vida	Faro	Não

Averiguou-se também uma diversidade nas instituições de ensino, em que aproximadamente 64% (N=9) dos entrevistados estão matriculados numa universidade, enquanto 36% (N=5) frequentam ou frequentavam um instituto politécnico. Esta distribuição revela que os entrevistados tiveram acesso a diferentes abordagens educacionais, desde programas mais práticos, e orientados para o mercado de trabalho, oferecidos pelos politécnicos, até cursos mais teóricos e abrangentes disponibilizados pelas universidades.

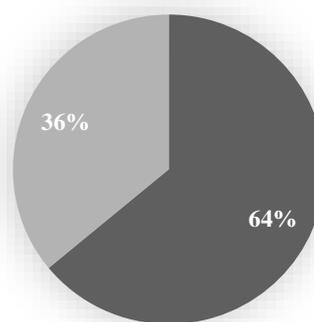
De acordo com os dados recolhidos por Albuquerque (2023), através do Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior, no ano letivo 2022/2023, 61% dos estudantes estavam matriculados num estabelecimento público universitário, enquanto 39% estavam inscritos num estabelecimento público politécnico. Em comparação com os dados recolhidos por esta investigação, as percentagens não se distanciam desta realidade, com 64% dos estudantes numa universidade e 36% num politécnico.

**Gráfico 2: Dados Nacionais**



■ Universidade ■ Politécnico

**Gráfico 3: Dados da Investigação**



■ Universidade ■ Politécnico

Analisando a área de estudo dos entrevistados, surge uma diversidade de cursos, com uma ênfase particular nas Artes. Quanto à distribuição geográfica dos entrevistados, observou-se uma variedade de locais de estudo por todo o país, com uma concentração particular em algumas regiões metropolitanas, como Lisboa e Porto. Há ainda uma presença significativa de entrevistados em Castelo Branco e Évora, sugerindo uma representação equitativa de áreas menos urbanizadas.

Há apenas uma entrevistada que já terminou os estudos, enquanto os restantes ainda estão em processo de formação, tratando-se de uma observação relevante que sugere que a amostra entrevistada é composta principalmente por estudantes em fases iniciais ou intermédias das suas trajetórias académicas. Este facto pode influenciar as perspetivas e as experiências partilhadas durante as entrevistas, uma vez que os desafios e as preocupações enfrentadas pelos estudantes podem variar ao longo do percurso dos seus estudos.

### **3.2. Motivações dos Estudantes para a Deslocação**

De modo a responder à primeira questão de partida “Como foi o processo de decisão de estudar numa localidade distante da residência habitual? Quais foram os fatores determinantes nesta decisão?”, pretende-se compreender as razões que levaram os jovens a optarem por se deslocar para diferentes regiões de forma a darem continuidade aos seus estudos.

Constatou-se que uma proporção significativa dos entrevistados, precisamente 10 dos 14 participantes, expressou que a sua decisão foi motivada pela inexistência do curso que pretendia na RAM. Esta tendência destaca a resiliência e determinação dos estudantes ao perseguirem os seus objetivos, mesmo diante de obstáculos logísticos e geográficos que exigem mudanças e ajustes nas suas vidas pessoais. Este cenário reflete os resultados de Costa (2018), que mostrou que muitos estudantes enfrentam a necessidade de mudar de residência ao ingressarem na

universidade. A distância das instituições de ensino superior e a falta de diversidade das mesmas em certas áreas geográficas são fatores predominantes mencionados nesta categoria.

*Na área que eu queria, a minha única opção era mesmo sair da Madeira... Porque não havia o curso. E também queria descobrir novos horizontes e experimentar outras coisas.* (Fátima, 22 anos, Castelo Branco).

Os restantes quatro participantes também expressaram uma vontade preexistente de deixar a Ilha da Madeira. Para estes, a decisão de se deslocar foi motivada pela procura de maior independência e pelo desejo de explorar novos lugares e experiências. Considerando estas motivações, torna-se evidente que a deslocação é influenciada por uma complexidade de fatores pessoais, sociais e estruturais.

*A independência de estar sozinho, não ter que dar justificações a ninguém (...). Poder sair de casa e não ter que dizer nada a ninguém. Era mais isso, a independência.* (Luís, 19 anos, Évora).

Ao explorar a ordem de prioridade na escolha entre cidade e instituição, surgiu uma divisão equitativa entre os entrevistados: 50% (N=7) dos participantes indicaram que escolheram primeiro a cidade onde desejavam estudar, enquanto os restantes 50% deram preferência à instituição de ensino. Esta divisão reflete a diversidade de aspetos considerados pelos estudantes ao tomar decisões sobre a sua educação. Para alguns, a localização geográfica desempenhava um papel crucial na sua escolha, influenciada pela presença de familiares na cidade de destino ou pela familiaridade prévia com o local.

*Mas também porque eu sabia que vinha para cá com primos ou com amigos, maior parte dos meus amigos veio comigo. O pior da adaptação é mesmo quando uma pessoa se vê sozinha...* (Maria, 23 anos, Lisboa).

Por outro lado, para outros, a reputação e os recursos oferecidos pela instituição de ensino eram os principais determinantes na tomada de decisão.

### **3.3. Experiência da Mobilidade**

A experiência da mobilidade representa um fenómeno complexo que abrange uma variedade de dimensões socioculturais, académicas e pessoais. Assim, pretende-se responder à segunda questão: “Quais são os impactos socioculturais, académicos e pessoais da mobilidade geográfica dos estudantes universitários madeirenses?”. A análise será dividida em várias fases distintas, permitindo uma compreensão abrangente dos impactos da mobilidade nos estudantes deslocados madeirenses. Esta divisão inclui: a fase de preparação, fase de adaptação, contexto residencial, contexto institucional e contexto económico.

### 3.3.1. Fase de preparação

Durante as entrevistas, as expectativas e os receios dos estudantes ao se deslocarem para fora da sua zona de conforto foram amplamente explorados. Alguns entrevistados expressaram expectativas positivas em relação à sua mudança, tais como a procura por mais liberdade e independência, abertura a novas experiências e a conhecer novas pessoas. Por outro lado, outros procuravam um ambiente semelhante ao que estavam habituados na ilha, procurando familiaridade e conforto na sua nova localização.

*Entusiasmava-me a liberdade, viver sozinho, gerir tudo isso, e também entusiasmava-me conhecer uma nova cidade, novos colegas, um novo curso, algo que gostava bastante, e seguir uma área que nos diz bastante também é muito bom e, portanto, acho que é essencialmente isso. (Pedro, 23 anos, Lisboa).*

Quanto aos receios, a maioria dos entrevistados manifestou preocupações em relação à sua adaptação ao novo ambiente. Alguns temiam a solidão que iriam enfrentar ao estarem numa cidade desconhecida, bem como a distância da família e amigos, e a necessidade de equilibrar as responsabilidades domésticas com a vida académica. Outros receavam não se identificar com o curso escolhido, enfrentar dificuldades de integração na instituição de ensino, ou lidar com despesas financeiras imprevistas que poderiam afetar a sua permanência na cidade. Um entrevistado mencionou especificamente a preocupação em encontrar alojamento.

*Não gostar do curso, se calhar não encontrar pessoas que me identificasse com. Não conseguir estabelecer muito bem uma rotina e ter sempre comidinha feita e roupa lavada e quarto limpo e todas essas coisas. E conseguir manter isso com o trabalho da faculdade, acho que era um bocado isso... Ou seja conseguir estar sempre ok em todas as áreas no aspeto de viver sozinha. Ter tudo organizado e dar-se bem com as pessoas de casa e assim... (Marta, 19 anos, Porto).*

Pelo menos metade dos entrevistados, mudou-se para uma cidade onde não tinha nenhum conhecido, seja amigo ou familiar. Esta situação de estar sozinho, sem uma rede de suporte pré-existente, foi percebida como um desafio adicional para a adaptação e bem-estar durante o período de mobilidade. Este cenário corrobora com a literatura existente que aponta a transição para o ensino superior como uma fase de independência marcante, muitas vezes dolorosa devido à separação de familiares e amigos, causando isolamento e solidão (Monteiro, 2008, citado por Tavares, 2012; Nico, 2014).

Cinco dos entrevistados enfrentaram dificuldades significativas na procura pelo alojamento. Estas dificuldades surgiram porque, ao procurarem casas em *sites* de imóveis, a realidade dos espaços não correspondia às descrições *online*. Além disso, os senhorios nem sempre eram acessíveis e alguns exigiam utensílios de cozinha que não eram práticos de

transportar numa mala de viagem. Os quartos eram frequentemente pequenos e careciam de condições adequadas. Adicionalmente, observou-se que as residências não priorizavam os estudantes deslocados dos arquipélagos, o que dificultava ainda mais a procura.

Todos os estudantes enfrentaram o desafio de preparar as suas malas para a mudança, uma tarefa especialmente difícil para alguns, que desejavam levar consigo tudo o que possuíam, destacando a ideia de “uma casa dentro de uma mala”. Organizaram uma variedade de itens, como roupas para diferentes estações, calçado, equipamentos eletrónicos, lençóis e toalhas – todos essenciais para os primeiros três meses de uma vida independente. Muitos também tiveram de comprar utensílios de cozinha e móveis no local para equipar os seus novos espaços.

*Eu fui com a minha mãe. Acabamos por levar todas as minhas coisas de uma vez só. Deu espaço suficiente então levamos as coisas. E, o que faltava, que neste caso era tudo menos a roupa, acabamos por ir comprar. Ficamos um dia só a fazer compras e ver o que é que era necessário. (Manuel, 19 anos, Évora).*

### **3.3.2. Fase de adaptação**

A maioria dos estudantes (11) viajou para a nova cidade pela primeira vez acompanhada pelos seus pais, enquanto os restantes foram obrigados a fazer a viagem sozinhos, devido aos compromissos de trabalho dos progenitores ou à falta de recursos financeiros.

*E o momento de despedida foi muito duro, porque estamos com os nossos pais, estamos com a nossa família... E cai-nos a ficha, a partir desse momento estamos sozinhos, e esse momento é muito, muito, muito difícil. (Pedro, 23 anos, Lisboa).*

Quanto às primeiras impressões da cidade, estas foram diversas. Muitos destacaram a interculturalidade encontrada – algo incomum na sua experiência anterior na ilha – e a simpatia das pessoas que os receberam. Aqueles que mencionaram a interculturalidade estavam instalados em cidades grandes, como Lisboa e Faro.

*E eu aprendi com essa experiência que vivemos numa sociedade em que somos todos pessoas, (...) e, portanto, não podemos julgar as pessoas pela sua aparência ou pela sua forma de agir ou de ser. Porque temos religiões diferentes, porque temos formas de... somos uma sociedade. Ou seja, a sociedade é um mosaico de culturas. E, portanto, aceitar essa interculturalidade foi um dos pontos positivos. (Pedro, 23 anos, Lisboa).*

Os demais entrevistados descreveram a sua cidade como tendo um ambiente mais agitado, mais calmo ou semelhante ao da ilha. Alguns também expressaram a sua surpresa por não terem um rio ou mar próximo ao local onde ficaram alojados, contrastando com aquilo que encontravam na ilha. Houve ainda relatos de estudantes que sentiram imediatamente o desejo de voltar para casa assim que chegaram à nova cidade.

*Quando lá cheguei, chorei. Tipo mal pus os pés em Beja, liguei ao meu tio, (...): “Quero-me ir embora, tio pague uma passagem que eu quero ir embora, eu não consigo ficar aqui. Não consigo, não consigo.” (Patrícia, 22 anos, Beja).*

Esta diversidade de opiniões reflete as diferentes experiências vivenciadas pelos estudantes durante este período de transição, tanto em relação às características das cidades quanto à forma como cada um lida com este tipo de situação; enquanto alguns estavam entusiasmados com a nova etapa, outros enfrentavam medos e receios intensos. Isto está de acordo com a literatura, que aponta que, embora muitos estudantes se adaptem facilmente às mudanças, alguns encaram estados emocionais desadaptativos que podem levar à retenção, abandono ou interrupção dos estudos (DeBerard et al., 2008; Hillman, 2005; Santos, 2007; citados por Soares, Pinheiro & Canavarro, 2015, p. 9).

Um padrão visível nesta variação emerge ao analisar as experiências dos jovens; nomeadamente aqueles que escolheram uma cidade onde já tinham familiares ou amigos próximos enfrentaram menos dificuldades em comparação com aqueles que se mudaram para uma localidade onde não tinham quaisquer contactos. Os relatos indicaram também que, em geral, o impacto da separação familiar foi mais pronunciado entre os entrevistados do género feminino.

### **3.3.3. Contexto económico**

No contexto económico, a análise dos dados revela que a maioria dos estudantes, representando 71% (N=10) da amostra, recebeu bolsa de estudo, enquanto 29% (N=4) não tiveram acesso a esse suporte financeiro. Quando questionados sobre a sua capacidade de gerir o dinheiro, a maioria dos entrevistados, correspondendo a 57% (N=8), afirmou não ter enfrentado dificuldades nesse aspeto.

Ao abordar as despesas que consideram mais desafiantes, os resultados mostraram que 50% (N=7) dos entrevistados identificaram a alimentação como a despesa mais dispendiosa. Em segundo lugar, 29% (N=4) mencionaram a renda da casa ou quarto, enquanto 21% (N=3) destacaram os gastos com material escolar.

Embora nenhum dos entrevistados tenha relatado problemas económicos graves, essa realidade não deixa de ser comum a muitos estudantes. Um exemplo partilhado pela entrevistada Maria ilustra vividamente essa situação, mencionando um amigo<sup>2</sup> que estudava em Lisboa e enfrentava sérias dificuldades financeiras.

---

<sup>2</sup> Neste sentido, de forma a perceber outro ponto de vista nesta história relatada, houve uma tentativa de entrevistar este indivíduo, no entanto, o mesmo não quis participar na investigação.

*Por isso comigo não me posso queixar, mas sei que há pessoas que passam um pedaço mal. Acho estranho, porque tenho colegas que precisam mesmo das bolsas e... Tenho um colega específico que também está cá em Lisboa, precisa das bolsas e mesmo assim não é suficiente... mas a que ele recebia, não sei qual é que ele recebia mas... e depois se ele arranjasse algum tipo de trabalho cá, tiravam-lhe logo a bolsa. Então ele nem podia fazer por si, ele só... ele comia mesmo pouco, ele ficava super magríssimo, era... estranho. Há este tipo de situações assim e depois há o contrário, que há pessoas que não precisam da bolsa e recebem a bolsa para gastar em compras e restaurantes. Isso também não faz sentido nenhum. (Maria, 22 anos, Lisboa).*

Manuel, um dos entrevistados que enfrentava dificuldades financeiras, adotou medidas de poupança mais rigorosas, que passavam por realizar menos viagens e permanecer mais tempo em Évora. Em contraste, Filipa tinha a possibilidade de voltar a casa com maior frequência, pelo menos uma vez por mês, uma frequência superior à dos outros entrevistados. Este contraste ilustra claramente as diferenças nas experiências dos estudantes, dependendo da sua situação financeira.

#### **3.3.4. Contexto residencial**

Em relação ao contexto residencial, apenas dois dos entrevistados, ficaram alojados numa residência universitária e partilham o seu quarto com outro estudante. Os demais conseguiram encontrar acomodação em casas partilhadas com outros estudantes, onde têm a vantagem de terem um quarto individual, preservando assim a sua privacidade.

Apesar da maioria dos estudantes ter conseguido encontrar alojamento em casas próximas à instituição de ensino, dois deles enfrentaram uma situação diferente. Um deles residia numa residência e o outro numa casa localizada em áreas mais distantes. Ambos enfrentaram diariamente o desafio de percorrer o trajeto casa-universidade e universidade-casa a pé ou de bicicleta, independentemente das condições climáticas adversas, como o frio ou a chuva. Isto porque os horários dos transportes públicos não são compatíveis com os horários escolares, tornando estas opções de deslocamento mais práticas e viáveis.

*Como os transportes de lá eram complicados, muitas vezes era deslocações a pé... E eram cerca de 45 minutos, 1 hora. (...) A pé. Eram 3km e qualquer coisa. (Fátima, 22, Castelo Branco).*

Quanto às relações com os colegas de casa, a maioria dos entrevistados destacou uma relação de proximidade com os outros estudantes e também com os senhorios das casas. Muitos expressaram gratidão pela ajuda e empatia recebidas, especialmente considerando a situação desafiante que estão ou estiveram a enfrentar ao estarem longe das suas famílias num ambiente

que lhes é desconhecido. Estas relações de apoio e solidariedade desempenham um papel crucial no bem-estar emocional e na adaptação dos estudantes durante este período de transição.

*Ela ia todos os fins de semanas a casa, e eu ficava sempre lá sozinha nesses fins de semana, e era triste ficar lá sozinha... Não tinhas ninguém para falar, não tinhas nada... E ela ia aos fins de semana e depois, quando vinha, a mãe dela mandava sempre comida a dobrar, que era para trazer para mim. (Patrícia, 22 anos, Beja).*

Nesta parte da entrevista, a participante partilha a sua perceção sobre a dinâmica entre ela e os seus colegas de casa, destacando-se a presença de uma dinâmica de entreajuda bastante saudável, fundamental para a sua experiência positiva:

*Houve sempre uma dinâmica de entre ajuda muito saudável. E se calhar isso também facilitou porque, por exemplo, se eu estivesse sozinha, isso ia ser completamente diferente. Mas felizmente não é o caso. (Marta, 19 anos, Porto).*

Noutra entrevista, o jovem Luís descreve uma atmosfera de fraternidade, onde ocorrem atividades quotidianas como as refeições e momentos de lazer partilhados em conjunto com os colegas de casa:

*(...) a gente fala-se todos, a gente come todos juntos, a gente fica a falar até tarde todos juntos, a gente vai beber todos juntos, é uma relação fixe. (Luís, 19 anos, Évora).*

A narrativa de outra entrevistada destaca a proximidade e cooperação existente entre ela e as suas colegas de casa. O detalhe sobre estudarem juntas num espaço comum reforça a ideia de colaboração e apoio mútuo, que cria um ambiente propício para o desenvolvimento académico e pessoal:

*Nós fazíamos tudo juntas, até irmos às compras, íamos todas juntas. Era bastante divertido. (...) Estudar nós juntávamo-nos todas no corredor, tínhamos uma mesa gigante e fazíamos lá tudo. (Fátima, 22 anos, Castelo Branco).*

No que diz respeito às tarefas domésticas, cinco dos entrevistados, sendo quatro deles do género masculino, mencionaram as dificuldades enfrentadas na realização das tarefas.

### **3.3.5. Contexto institucional**

A análise revelou que apenas duas das entrevistadas mudaram de curso durante os seus primeiros anos a estudar fora. Entretanto, no momento atual, todos os estudantes expressaram satisfação com o curso em que estão.

No que diz respeito ao contexto institucional, a maioria dos estudantes mencionou experiências positivas. Apenas quatro entrevistados relataram dificuldades iniciais na integração, mas eventualmente conseguiram estabelecer amizades. As relações com professores

e colegas de curso foram predominantemente positivas. No entanto, torna-se importante destacar alguns casos relevantes.

Como estudantes deslocados, particularmente da Madeira, podem surgir implicações relacionadas às avaliações. Essas implicações variam entre as instituições de ensino, algumas das quais agendam avaliações em momentos menos acessíveis para os estudantes deslocados, ou informam sobre as datas das mesmas numa fase mais avançada, em vez de no início do ano escolar. Para economizar nas viagens, os estudantes geralmente tentam agendar estas no início do ano letivo, de acordo com o calendário escolar. No entanto, alguns docentes marcam avaliações em dias em que os estudantes já têm viagens marcadas. Duas estudantes relataram situações em que tentaram comunicar com os professores, e estes recusaram mudar as datas das avaliações. Ambas acabaram por faltar à avaliação, retornando a casa, para que não tivessem de arcar com os custos elevados de remarcar a viagem.

*(...) houve professores que me prejudicaram, porque simplesmente lembraram-se a uma semana do fim, pôr uma data para além da altura das aulas, e como eu já tinha viagem marcada, baixaram-me a nota (...). (Fátima, 22 anos, Castelo Branco).*

Sofia relata uma situação semelhante a Fátima:

*(...) isso já me aconteceu. Tive o azar de ser com (...) a professora menos compreensível que existe. Ela marcou teste para um sábado. (...) E eu já tinha marcado viagem, e tipo eu não vou adiar viagem por causa disso... Mas ela não mudou. Ela não mudou! E pronto, eu acabei na mesma por vir e não fui ao teste. (Sofia, 19 anos, Faro).*

Além das situações anteriormente mencionadas, uma entrevistada expressou interesse em realizar o seu estágio curricular na Madeira, com o objetivo de conhecer melhor o mercado de trabalho na sua zona de residência. No entanto, esta proposta foi recusada pela instituição de ensino, visto que a aluna teria de realizar uma unidade curricular simultaneamente com o estágio, sem a possibilidade de realizar essa disciplina de forma *online*.

*Eu no terceiro ano, tenho de fazer estágio, só que tenho ao mesmo tempo algumas cadeiras, o problema é que para arranjar estágio aqui, muitas pessoas queixam-se, porque é muito difícil arranjar estágio aqui no Porto. (...) E eu queria muito fazer estágio na Madeira, porque para mim, como eu quero trabalhar na Madeira, era muito mais fácil ficar numa empresa, fazendo estágio nela (...) Só que eu não sei como é que vou conseguir fazer isso, porque tenho as aulas. E acho que nesse aspeto acho que eles deviam dar alguma possibilidade, (...) Ou aulas online, (...) acho que eles deviam facilitar nesse aspeto. (Filipa, 21 anos, Porto).*

Estes casos destacam a necessidade de uma abordagem mais flexível, adaptável e sensível por parte das instituições de ensino em relação às necessidades dos estudantes deslocados,

especialmente no que diz respeito ao agendamento de avaliações e à realização dos estágios curriculares.

### **3.4. Impacto da Mobilidade**

Nesta seção, serão analisados os impactos da mobilidade nos estudantes, focalizando na resposta à terceira questão: “Que competências foram adquiridas como resultado da experiência de deslocação?”. Estará dividida em quatro áreas distintas: impacto no desempenho académico, desafios enfrentados pelos estudantes, aspetos positivos e negativos da experiência, e, por fim, será dedicado um espaço onde os participantes partilham conselhos para aqueles que estão prestes a embarcar numa jornada semelhante.

#### **3.4.1. Desempenho académico**

A análise das entrevistas revelou vários desafios enfrentados pelos estudantes deslocados, destacando a complexidade das suas adaptações ao novo ambiente académico. A transição para um novo contexto educativo, com métodos de ensino diferentes, exigiu um período de adaptação para alguns entrevistados. Durante este período inicial, muitos encontraram dificuldades em acompanhar as aulas e organizar o tempo de forma eficiente, o que impactou negativamente o desempenho académico no primeiro semestre.

*E o medo também das minhas notas, de distrair-me facilmente, tipo como eu estava lá fora... Ter certas distrações que não tinha aqui na Madeira. (Rodrigo, 21 anos, Castelo Branco).*

Além disso, a necessidade de gerir novas responsabilidades, como as tarefas domésticas, afetou a capacidade de alguns estudantes de organizar o tempo que dedicam aos estudos. A falta de experiência na gestão dessas novas responsabilidades resultou em dificuldades na priorização das tarefas académicas, conforme relatado:

*...tive que aprender um bocado a dividir as prioridades. Tipo ok, tenho de ter dinheiro para comer e tenho que lavar a roupa para estar limpa e saber como me organizar. E isso é um pouco mais difícil, porque ainda por cima a carga de trabalho não é a mesma que o secundário e... gerir isso com as coisas a fazer é mais difícil e se calhar às vezes sentia-me um bocado... Não há tempo para fazer estas coisas todas, como é que eu vou dividir isto? (Marta, 19 anos, Porto).*

Além disso, o facto de os estudantes madeirenses visitarem as suas casas com pouca frequência tem implicações significativas nas suas abordagens académicas. A necessidade de minimizar o tempo longe de casa motiva muitos desses estudantes a se esforçarem para passar nas avaliações na primeira fase, evitando assim a necessidade de recorrer aos exames de recurso e prolongar a

sua permanência longe das suas famílias. Esta realidade estimula os estudantes a dedicarem mais tempo aos estudos para maximizar o tempo que podem passar com a sua família durante as interrupções letivas.

*Eu acho que influencia de uma forma positiva. No sentido de querer passar tudo rápido e voltar para casa o mais rápido possível. (João, 24 anos, Coimbra).*

Manuel partilha a sua opinião, concordante com a de João:

*Influencia porque eu tenho de ser capaz de passar tudo à primeira (...) sem necessitar de ir a recurso. Então... isso é o incentivo que eu tenho, que é para não ter que ficar mais tempo lá (Évora), e aproveitar o máximo de tempo cá (Madeira). (Manuel, 19 anos, Évora).*

Apesar de não ter sido possível delinear um perfil de desempenho escolar específico dos estudantes deslocados, concluiu-se que a experiência da mobilidade acaba por influenciar, embora de forma indireta para alguns, a adaptação académica e pessoal dos jovens madeirenses. A transição para o ensino superior é marcada por uma combinação de desafios e oportunidades, que variam de dificuldades na adaptação inicial e na gestão de novas responsabilidades, até estratégias motivacionais para otimizar o desempenho académico.

### **3.4.2. Desafios enfrentados pelos estudantes**

Em relação aos desafios académicos enfrentados pelos estudantes deslocados da Madeira, destaca-se uma diferença na frequência das visitas às suas zonas de residência, em comparação com estudantes que residem nas proximidades e voltam a casa nos fins de semana. Diante dessa realidade, tornou-se relevante questionar aos entrevistados com que frequência voltam às suas casas. Dos entrevistados, 11 relataram que só retornam durante as interrupções letivas, enquanto dois visitam a cada dois meses e um volta a casa mensalmente.

Estes resultados evidenciaram o desafio adicional enfrentado pelos estudantes deslocados madeirenses, que têm menos oportunidades para visitar as suas famílias e, conseqüentemente, podem sentir um maior isolamento emocional e social em comparação com os seus colegas que estudam mais próximos de casa. Esta diversidade nas frequências de visitas reflete os resultados do estudo de Costa (2018), que identificou variações na regularidade das viagens entre a residência permanente e o local de estudo, com alguns estudantes a viajar semanalmente ou mensalmente, enquanto outros retornam apenas durante as férias escolares ou uma vez por ano.

*Os meus colegas vivem cá, não sentem tanto como nós, porque vão a casa aos fins de semana. (João, 24 anos, Coimbra).*

Ao serem questionados se esta experiência aumentou o desejo de participar noutras oportunidades de mobilidade no futuro, a maioria dos entrevistados, representando 64% (N=9), respondeu afirmativamente, expressando que estavam abertos a uma nova mudança para outra cidade, tanto em Portugal quanto no exterior, seja por oportunidades de emprego ou para prosseguir os seus estudos. Estes estudantes destacaram que se sentem preparados para enfrentar novos desafios, visto que adquiriram independência e experiência durante a sua estadia fora de casa. Por outro lado, cinco dos entrevistados revelaram que não se sentem confortáveis em passar por uma experiência semelhante novamente, e manifestaram uma preferência por voltar à ilha.

Surge uma diferença marcante entre os estudantes que estão no primeiro ano e aqueles que estão a terminar o curso: os mais novos, que estão há poucos meses em mobilidade, ainda se encontram numa fase de euforia e entusiasmo, percebendo a experiência de forma predominantemente positiva e sem muitos pontos negativos a apontar.

Em contraste, os estudantes que já estão numa fase final dos seus cursos, ou já os terminaram, apresentam uma perspetiva mais equilibrada e realista; já tiveram tempo suficiente para vivenciar tanto os aspetos positivos quanto os negativos da mobilidade. Esta experiência mais ampla permite-lhes, assim, desenvolver uma maturidade que lhes proporciona uma visão mais completa da realidade enquanto estudantes deslocados, onde podem reconhecer os desafios e as dificuldades que enfrentaram, mas também apreciam as oportunidades e os benefícios que a mobilidade lhes trouxe.

### **3.4.3. Aspetos positivos e negativos da experiência**

Os aspetos positivos adquiridos ao longo desta experiência foram amplamente destacados pelos entrevistados. A autonomia emergiu como um dos benefícios mais mencionados, com 12 entrevistados a expressar que ganharam maior independência e capacidade de tomar decisões por si mesmos. Esta observação alinha-se com a literatura, que destaca que esta experiência desenvolve autonomia ao enfrentar novas responsabilidades e (re)definir a identidade (Soares, Pinheiro & Canavarro, 2015).

*Porque aquele tempo que nós ficámos lá sem os nossos pais e, tipo familiares, tornou-me mais cuidadosa. Tanto para mim, ser mais cuidadosa comigo para a minha autoestima, tanto para os outros que estão tipo ao meu lado. (Patrícia, 22 anos, Beja).*

A gestão de recursos foi outro aspeto positivo significativo, citado por 11 entrevistados, que aprenderam a gerir o seu dinheiro, material escolar e bens alimentares de forma mais eficaz.

*Epa, eu antes de ir para a faculdade, não tinha... não tinha tipo o meu dinheiro. Pedia aos meus pais quando precisava de alguma coisa, tipo usava... Agora tenho, e posso dizer que, relativamente ao ano passado, este ano não tem comparação. Tenho poupado muito mais dinheiro. Foi um ano de experiência.* (Sofia, 19 anos, Algarve).

No que diz respeito às competências pessoais, cinco entrevistados relataram que se tornaram mais responsáveis, enquanto dois destacaram a melhoria na gestão do tempo como um aspeto positivo. Um entrevistado mencionou que aprendeu a lidar melhor com situações de conflito e outro valorizou a oportunidade de abandonar a sua zona de conforto. Além disso, quatro entrevistados indicaram um enriquecimento das suas perspetivas e valores pessoais.

Relativamente às competências sociais, a melhoria das capacidades comunicativas foi destacada por nove entrevistados, evidenciando um aprimoramento na capacidade de se relacionar e interagir com os outros. Quatro entrevistados mencionaram a satisfação por conhecer pessoas novas.

Todos estes aspetos destacam os diversos benefícios pessoais e de desenvolvimento que os estudantes adquiriram durante a sua experiência de mobilidade, demonstrando a riqueza e a amplitude das oportunidades proporcionadas por essa vivência. Isto está alinhado com a literatura existente, que enfatiza que estudar numa cidade desconhecida proporciona uma experiência enriquecedora, permitindo que os jovens vivenciem novas culturas, rotinas e perspetivas, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento pessoal e (re)definição de identidade (Nico, 1997).

Os aspetos negativos da experiência também foram diversificados, refletindo os desafios enfrentados pelos estudantes deslocados durante a mobilidade. Relativamente aos desafios emocionais e psicológicos, sete entrevistados mencionaram a dificuldade de estar longe de casa como um dos principais aspetos negativos, destacando o impacto emocional e psicológico dessa separação. Outros três entrevistados expressaram descontentamento com a ausência de proximidade com o mar, o que pode ter afetado a sua ligação com o ambiente familiar da ilha.

No que concerne aos desafios académicos, três entrevistados relataram dificuldades académicas ou insatisfação com o programa curricular. Além disso, três entrevistados apontaram a falta de informação em relação a bolsas de estudo ou viagens como outro aspeto negativo.

Outros desafios mencionados pelos entrevistados incluíram custos adicionais, impacto psicológico, sentimentos de solidão, distância dos amigos, ruído e ambiente citadino, e desafios associados à mudança.

Assim, pode concluir-se que estes aspetos negativos demonstram a importância de oferecer apoio e recursos adequados para mitigar estes desafios e promover uma transição mais suave e positiva para os estudantes. Estes resultados interligam-se com os do estudo de Eryilmaz et al. (2023), que identifica a separação da família, dificuldades de transporte, escasso acesso a serviços como alojamento e alimentação, e sentimentos de desvalorização como fatores que reduzem o nível de adaptação em contexto universitário.

#### **3.4.4. De um estudante deslocado, para outros estudantes deslocados**

Por fim, os entrevistados foram convidados a oferecer conselhos a colegas que possam estar a enfrentar situações semelhantes ou prestes a passar por elas. Seguem-se alguns dos conselhos destacados:

*Primeiro... fora de casa não significa que está tudo perdido. Ser capaz de ter a sua independência é também importante. É claro que depender dos pais para uma coisa é normal, qualquer um necessita dos pais. Mas temos de ver o mundo lá fora não como uma coisa má, mas ver como um obstáculo para chegar até o seu objetivo. Porque isto tudo é só um percurso até chegar ao que realmente queremos. (Manuel, 19 anos, Évora).*

Outro estudante partilha a ideia de que esta vivência molda e transforma os indivíduos, preparando-os para desafios futuros, evidenciando uma perspetiva a longo prazo sobre os impactos positivos da mobilidade:

*Eu acho que é uma experiência que vale a pena, e que sei que toda a gente tem os seus receios, pronto, de ter de deixar a família para trás, e não estar presente em momentos importantes tipo aniversários, de amigos e família, mas acho que... como experiência, é algo que nos vai fazer crescer e tornar-nos noutras pessoas. E irá ajudar-nos não só num futuro próximo, mas também a longo prazo. Como já falamos, gerir as nossas finanças, a parte da organização da nossa vida pessoal, ter que arranjar tempo e estudar... Acho que isso é tudo uma ajuda. (João, 24 anos, Coimbra).*

Para concluir, é evidente que a experiência da mobilidade tem um impacto multifacetado na vida dos estudantes universitários madeirenses e os conselhos dos entrevistados refletem a sabedoria adquirida ao longo desse percurso.

## CONCLUSÃO

A transição para o ensino superior representa um momento de novos desafios para todos os estudantes, mas é especialmente complexa para os estudantes deslocados da Madeira e dos Açores. Além das dificuldades comuns, como a adaptação a novas rotinas e responsabilidades académicas, estes estudantes enfrentam o desafio adicional de estar longe da sua família e amigos, inseridos num ambiente provavelmente desconhecido. A distância geográfica e a necessidade de adaptação a um contexto cultural diferente podem intensificar sentimentos de isolamento e solidão, exigindo uma capacidade de adaptação ainda maior para que consigam superar as dificuldades e alcançar sucesso académico e pessoal. Ser um estudante deslocado constitui uma experiência única, caracterizada por desafios e oportunidades que se manifestam de maneiras distintas nas diversas esferas da vida académica, pessoal e social.

As entrevistas realizadas permitiram revelar a pluralidade das experiências de mobilidade estudantil, evidenciando tanto os aspetos positivos quanto os negativos dessa vivência. Utilizar este método de investigação qualitativa possibilitou um acesso mais aprofundado a um conjunto de experiências e perspetivas específicas que, de outra forma, permaneceriam invisíveis.

As motivações que impulsionaram os jovens a deslocarem-se para prosseguir os estudos revelaram-se multifacetadas e influenciadas por diversos fatores. A inexistência do curso desejado na RAM destacou-se como o fator predominante, impulsionando os estudantes a procurar alternativas fora da ilha para perseguir as suas aspirações académicas. Esse fator pode ajudar os jovens madeirenses a se prepararem mais cedo para a sua saída de casa, por exemplo, durante o ensino secundário, reduzindo assim o impacto da mudança. Além disso, o facto de muitos madeirenses saírem da ilha para estudar também contribui para que não fiquem totalmente sozinhos, visto que alguns têm amigos que planeiam ir para a mesma cidade, facilitando assim a adaptação.

Infelizmente esse fator não é partilhado por todos os jovens, visto que os resultados mostraram que muitos se mudaram para uma cidade onde não tinha nenhum conhecido, seja amigo ou familiar. Esta situação de estar sozinho, sem uma rede de suporte pré-existente, foi percebida como um desafio adicional para a adaptação e bem-estar durante o período de mobilidade.

Ao deixarem as suas casas, os jovens madeirenses desejam levar consigo o máximo possível para se sentirem mais “perto” de casa. Preparar as malas para a mudança representa um desafio significativo, especialmente para aqueles que gostariam de levar tudo o que possuem, ressaltando a ideia de “uma casa dentro de uma mala”. Embora os bens materiais

possam ser arrumados na bagagem, existem aspetos essenciais da vida em família que não podem ser levados: o apoio emocional, os conselhos familiares e as interações sociais com parentes ou amigos próximos. Estes elementos imateriais são insubstituíveis e destacam a complexidade emocional da transição, evidenciando que, apesar de qualquer esforço para transportar objetos físicos, os aspetos emocionais e afetivos da vida familiar permanecem fora do alcance de uma simples mala.

A transição para um novo contexto educativo, com métodos de ensino diferentes, exigiu um período de adaptação para alguns entrevistados. Durante este período inicial, alguns jovens encontraram dificuldades em acompanhar as aulas e organizar o tempo de forma eficiente, o que impactou negativamente o desempenho académico no primeiro semestre. Além disso, a necessidade de gerir novas responsabilidades, como as tarefas domésticas, afetou a capacidade de alguns estudantes de organizar o tempo que dedicam aos estudos. A falta de experiência na gestão dessas novas responsabilidades resultou em dificuldades na priorização das tarefas académicas, conforme relatado nas entrevistas.

Ainda existem várias situações enfrentadas pelos estudantes deslocados que requerem atenção especial das instituições de ensino, como as avaliações e os estágios curriculares. Em relação aos estágios curriculares, seria benéfico permitir que os estudantes os realizassem próximos à sua residência, proporcionando a oportunidade de explorar o mercado de trabalho local e facilitar a integração profissional na sua região de origem. Já as avaliações deveriam ser agendadas dentro do prazo do calendário escolar e com a devida antecedência. Assim, os estudantes podem planejar as suas viagens de regresso a casa sem o risco de deixar unidades curriculares pendentes. Essas medidas não só ajudariam a minimizar o impacto da mobilidade no desempenho académico, como também contribuiriam para um ambiente de ensino mais inclusivo e adaptado às necessidades específicas dos estudantes deslocados.

Enquanto os estudantes do continente têm a possibilidade de ir para casa mais vezes, a maioria dos estudantes das ilhas só conseguem visitar durante as interrupções letivas. Devido a essa menor frequência de visitas, os estudantes das ilhas sentem mais intensamente o impacto de estudar numa cidade nova; esta situação deixa-os mais autónomos, por estarem longe das suas famílias e do ambiente familiar por períodos mais longos. No entanto, o facto de os estudantes madeirenses visitarem as suas casas com pouca frequência acaba por ter implicações nas suas abordagens académicas. A necessidade de minimizar o tempo longe de casa motiva muitos desses estudantes a se esforçarem para passar nas avaliações na primeira fase, evitando assim a necessidade de recorrer aos exames de recurso e prolongar a sua permanência longe das

suas famílias. Esta realidade estimula os estudantes a dedicarem mais tempo aos estudos para maximizar o tempo que podem passar com a sua família durante as interrupções letivas.

Apesar desses desafios, a maioria dos entrevistados demonstrou abertura para novas experiências de mobilidade no futuro, seja para continuar os seus estudos, seja para trabalhar. Esta disposição para enfrentar novas mudanças é um aspeto positivo desta investigação, pois indica que, apesar das dificuldades encontradas, os estudantes reconhecem os benefícios e oportunidades que a mobilidade pode proporcionar.

A diversidade e a complexidade das experiências impossibilitam a generalização dos resultados, o que é compatível com o objetivo de um estudo qualitativo. É importante reconhecer as limitações deste estudo, tais como a ausência das experiências de estudantes não deslocados, que poderiam ter sido valiosas para estabelecer comparações entre as diferentes realidades vividas por estudantes deslocados e não deslocados.

As narrativas recolhidas demonstraram que a mobilidade estudantil pode ser uma fonte significativa de crescimento pessoal, proporcionando aos estudantes a oportunidade de desenvolverem uma maior autonomia, enfrentarem novos desafios e explorarem diferentes culturas e contextos. Ao mesmo tempo, esses relatos destacam as dificuldades inerentes a essa transição, como o afastamento da família e amigos, a adaptação a novos ambientes e a gestão de responsabilidades financeiras e académicas. Ainda assim, a pluralidade das experiências de mobilidade evidenciada nas entrevistas sublinha a importância de compreender estas vivências de uma forma holística. Cada estudante traz consigo a sua própria história, e esta investigação qualitativa mostrou-se essencial para capturar a riqueza dessas histórias e proporcionar uma visão abrangente dos impactos da mobilidade na vida dos estudantes.

Assim, esta abordagem pode servir como um ponto inicial para investigar outras questões relacionadas com os estudantes deslocados. Entre elas, explorar os efeitos psicológicos da mobilidade estudantil, comparar as experiências de mobilidade entre estudantes das ilhas e do continente, e avaliar a eficácia dos apoios institucionais oferecidos aos estudantes deslocados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J. S. P. D. (2015). A saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação.
- Almeida, L. S., Araújo, A. M., & Martins, C. (2016). Transição e adaptação dos alunos do 1.º ano: Variáveis intervenientes e medidas de atuação. In L. Almeida & R. V. Casto (Orgs.), *Ser estudante no ES: O caso dos estudantes do 1.º ano* (pp. 146–164). CIEd-Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.
- Andrade, G., Macedo, P., & Denis, T. (2019). Tutorias: uma forma de promover a adaptação dos estudantes ao ensino superior.
- Andriola, W. B. (2009). Fatores institucionais associados aos resultados do exame nacional de desempenho estudantil (ENADE): estudo dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). *REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 7(1), 22-49.
- Bourdieu, P., Passeron, J. C., & Nice, R. (1977). Education, society and culture. *Trans. Richard Nice. London: SAGE Publications*, 15-29.
- Costa, A. F. D., & Lopes, J. T. (2008). Os estudantes e os seus trajectos no ensino superior: sucesso e insucesso, factores e processos, promoção de boas práticas. *Lisboa, CIES-ISCTE, IS-FLUP*.
- Costa, R. P. (2018). Entre ‘cá’ e ‘lá’, as métricas do quotidiano. Experiências e significados sobre distância e identidade entre estudantes universitários deslocados.
- Costa, R., Vieira, C., & Vieira, I. (2015). Uma análise exploratória da influência da distância entre a residência familiar e a universidade no desempenho académico.
- de Barros Torres, A. A. G., & Almeida, L. S. (2021). Adaptação acadêmica de estudantes do 1º ano: promovendo o sucesso e a permanência na Universidade. *Revista Internacional de Educação Superior*, 7.
- de Oliveira, M. D. S. R. (2019). Entre expectativa e realidade: uma análise da transição e adaptação (para) e no ensino superior, a partir do olhar de alunos ingressos no instituto federal do Amapá, Campus Macapá. *ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação*, 1(1), 67-79.
- de Oliveira, M., & Kulaitis, F. (2017). Habitus imigrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 22(1), 15-47.
- de Sousa, A. C. M. (2020). Efeitos das experiências de mobilidade de crédito: percursos e interação académica e sociocultural, na percepção dos/as estudantes e dos/as professores/as de física e de sociologia.

Doutor, C., & Alves, N. (2020). Transição para o ensino superior dos estudantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa: aprendizagens e desafios académicos. *Investigar em Educação*, 2(9-10).

Eryilmaz, A., Deniz, M. E., Gülgün, U. Z. U. N., & Kurtulus, H. Y. (2023). Examination of university students' experiences regarding the university adaptation process. *Yildiz Journal of Educational Research*, 8(1), 11-27.

Firmino da Costa, A. (2008). Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural.

Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 139-152.

Martins, S. D. C., Mauritti, R., & Costa, A. F. (2005). Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal. *Lisboa: Direcção Geral do Ensino Superior*.

Martins, S. D. C., Mauritti, R., & Machado, B. (2021). Inquérito às condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal 2020. *Centro de investigação do Instituto Universitário de Lisboa [CIES-IUL] & Instituto Universitário de Lisboa [ISCTE-IUL]*.

Nico, B. (1997). A adaptação à Universidade: Fragmentos de um percurso curricular. In *Actas da Conferência Internacional - A Informação e a Orientação Escolar e Profissional no Ensino Superior: Um desafio da Europa* (pp. 105-114). Coimbra: Universidade de Coimbra.

Nico, M. (2014). Padrões de mudança de casa e eventos de vida: uma análise das carreiras habitacionais. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 28.

República Portuguesa. (2023, 26 de agosto). 50 mil novos estudantes colocados no Ensino Superior. *XXIII Governo – República Portuguesa*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=50-mil-novos-estudantes-colocados-no-ensino-superior>

RTP Madeira. (2023, 26 de agosto). Cerca de 91% dos candidatos madeirenses entraram. *RTP*. <https://madeira.rtp.pt/politica/cerca-de-91-dos-candidatos-madeirenses-entraram/>

Sá, C., Sin, C., Pereira, F., Aguiar, J., & Tavares, O. (2021). Estudantes nacionais e internacionais no acesso ao ensino superior.

Seco, G. M. D. S. B., Casimiro, M. C. S. M., Pereira, M. I. A. R., Dias, I. S., & Custódio, S. M. R. (2005). *Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões*. Instituto Politécnico de Leiria.

Silva, D. M., & Duarte, J. C. (2012). Sucesso escolar e inteligência emocional. *Millenium*, 67-84.

Soares, A. M., Pinheiro, M., & Canavarro, J. M. P. (2015). Transição e adaptação ao ensino superior e a demanda pelo sucesso nas instituições portuguesas. *Psychologica*, 58(2), 97-116.

Tavares, C. F. V. (2014). *Adaptação ao ensino superior, personalidade e optimismo em estudantes universitários do 1º ciclo de estudos* (Tese de Doutoramento, Universidade Fernando Pessoa (Portugal)).

Tavares, D. M. (2012). *Adaptação ao Ensino Superior e Otimismo em Estudantes do 1º ano* (Tese de Doutoramento, Universidade Fernando Pessoa (Portugal)).

Vieira, D. A. (2018). Determinantes e Significados do Ingresso dos Jovens no Ensino Superior. *Vozes de Estudantes e de Profissionais do Contexto Educativo. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Portugal.*

## ANEXOS

### A. Consentimento Informado e Guião de Entrevista

A presente entrevista surge no âmbito da realização de uma Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista tem por objetivo explorar de que forma a mobilidade influencia o desempenho académico dos estudantes deslocados, mais especificamente os estudantes provenientes da Região Autónoma da Madeira. A sua participação, que será muito valorizada, irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio, e consiste em responder a questões de acordo com a sua experiência enquanto estudante deslocado, realçando que não existem respostas certas ou erradas.

A pesquisa é realizada por Ana Beatriz Teixeira, abcta1@iscte-iul.pt, que poderá contactar caso pretenda esclarecer alguma dúvida, partilhar algum comentário ou exercer os seus direitos relativos ao tratamento dos seus dados pessoais. Poderá utilizar o contacto indicado para solicitar o acesso, a retificação, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A sua participação neste estudo é totalmente voluntária, anónima e confidencial. A qualquer momento, pode interromper a participação e retirar o consentimento para o tratamento dos seus dados pessoais, sem ter de prestar qualquer justificação.

Os seus dados pessoais serão conservados até a entrega da Dissertação, após a qual serão destruídos, garantindo-se o seu anonimato nos resultados do estudo.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pela investigadora, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora. Aceito participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com a informações que me foram disponibilizadas.

Sim  Não

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ (data)

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Introdução**

Bom dia/Boa tarde! O meu nome é Beatriz, e sou eu quem vai conduzir esta entrevista. Sou estudante do 2º ano do Mestrado em Educação e Sociedade do Iscte. Antes de começarmos, gostaria de agradecer pela sua participação e disponibilidade, que será muito valiosa para a minha pesquisa.

Podemos então dar início à gravação da entrevista?

## **Caracterização Sociodemográfica**

1. Primeiramente, qual é a sua idade e com que género se identifica?
2. Encontra-se neste momento a estudar? [Se sim, questionar sobre o curso e instituição em que está matriculado/a. Se não, questionar o curso e instituição que frequentou.]

## **Motivações para a Deslocação**

1. Estudar fora da Madeira foi uma opção sua?
2. Porque decidiu deslocar-se para prosseguir com os seus estudos?
3. Escolheu primeiro a cidade ou a universidade? Como foi este processo de escolha?
4. Porque escolheu [nome da cidade] para o fazer?
5. O curso e instituição que pretendia como primeira opção, são os mesmos em que está / esteve matriculado? [Se não, questionar qual era a primeira opção.]
6. Quais eram as suas expectativas ao deslocar-se para estudar fora da sua zona de residência? [Foram correspondidas à realidade?]
7. Como é que a sua família reagiu à decisão da deslocação? [Sentiu apoio por parte da mesma? De que forma sentiu esse apoio? Ajudaram-no/a nas mudanças, na procura da habitação, nas viagens, etc.]

## **Mobilidade**

### **1. Fase de Adaptação e Integração**

- 1.1. Como organizou a deslocação para esta nova cidade? [Viagens; Como arranjou alojamento; Preparar as malas; Despedidas; entre outros.]
- 1.2. Conhecia alguém no destino? [Se sim, considera que isso influenciou a sua decisão?]
- 1.3. Que receios sentiu durante esta fase de preparação? E o que mais entusiasmava?

- 1.4. Alguém o apoiou nesta fase? [Se sim, quem e de que forma.]
- 1.5. Como foi chegar a esta nova cidade? [O que impressionou mais à chegada?]
- 1.6. Como descreveria a sua primeira semana de adaptação à cidade nova? [Questionar aspetos positivos (que o/a ajudaram a se sentir confortável na cidade) e negativos. O impacto de estar sozinho/a nas suas rotinas; a possível dificuldade quanto à orientação numa nova cidade (meios de transporte, acesso a serviços); etc.]

## **2. Contexto Residencial**

- 2.1. Ficou alojado numa casa ou numa residência? [Fica próximo da Instituição? Partilha quarto? Como correu a sua receção e adaptação a esse novo ambiente? Sente-se/Sentiu-se confortável e seguro onde está/esteve?]
- 2.2. Como é a relação com os seus colegas de casa / residência? [Falam regularmente? Combinam realizar as refeições (almoço ou jantar) em conjunto?]
- 2.3. Costumam fazer alguma atividade com frequência (compras de supermercado; convívios; horas de estudo; etc)?
- 2.4. Sente que a relação que tem com os seus colegas de casa influenciam o seu desempenho académico? [Se motivam os estudos; partilham conhecimentos ou trabalhos; etc. Se precisasse de ajuda com algum problema, recorria aos seus colegas?]
- 2.5. Relativamente às tarefas domésticas, que diferenças sentiu ao estar numa situação de maior independência? [Sentiu dificuldades em gerir o tempo ou realizá-las? Consegue conciliar as tarefas domésticas com o estudo?]

## **3. Contexto Institucional**

- 3.1. E quanto à Instituição, sentiu alguma dificuldade em integrar-se? [Participou nalguma atividade de integração (exemplo: praxe)? Sentiu alguma discriminação por ser madeirense? Fez amizades com facilidade?]
- 3.2. Como é a sua relação com os colegas de curso? [Sente-se à vontade para pedir ajuda caso necessite? Enquanto estudante madeirense deslocado, teve alguma interação menos positiva com algum colega? Falta de apoio ou compreensão pelo facto de ser estudante deslocado.]
- 3.3. E com os professores? [Sente-se à vontade para pedir ajuda caso necessite? Enquanto estudante madeirense deslocado, teve alguma interação menos positiva com algum professor? Falta de apoio ou compreensão pelo facto de ser estudante deslocado.]

## **4. Contexto Económico**

- 4.1. Recebe bolsa de estudo? [Qual? Valor mensal?]
- 4.2. Como é que faz a sua gestão financeira? [Perguntar um valor aproximado do seu rendimento mensal (bolsa de estudo, trabalho, progenitores) e despesas mensais (alimentação, propinas, alojamento, viagens, deslocações para a Instituição, material escolar, convívios com amigos).]
- 4.3. Focando-nos mais nas despesas, quais considera serem as mais desafiantes enquanto estudante deslocado?
- 4.4. Tem conhecimento do Subsídio Social de Mobilidade? Utiliza-o com frequência?
- 4.5. Alguma vez abdicou de alguma situação para que pudesse poupar dinheiro para outra?

## **5. Apoios / Acesso a Recursos**

- 5.1. Teve conhecimento das diferentes bolsas de estudo disponíveis? [Regional, Câmara Municipal, DGES. Se sim, como obteve essa informação?]
- 5.2. Como se desloca para ter acesso a outros serviços na cidade? [Autocarro, comboio, carro, etc.]

## **6. Desafios Académicos**

- 6.1. Enquanto estudante madeirense deslocado, houve algum momento específico que o/a marcou durante a mobilidade que considere relevante partilhar?
- 6.2. Com que frequência visita a sua residência habitual? [O facto de ir tão poucas vezes a casa, influencia a sua motivação para os estudos?]

## **Impactos da Mobilidade**

1. Agora relativamente à sua experiência de mobilidade, consegue destacar aspetos positivos que o/a ajudaram a crescer?
2. Em que medida desenvolveu a sua autonomia / independência ao longo deste percurso? [Consegue lidar com situações do quotidiano sem depender dos outros?]
3. Enfrentou situações de conflito ou tensão durante a sua estadia na nova cidade? Como as resolveu?
4. O que mudou com a experiência da mobilidade? De que forma está diferente?
5. Notou alguma diferença na forma como geriu o dinheiro ou os gastos em comparação com o que costumava fazer?

6. Sentiu alguma diferença na forma como comunica ou interage com os outros? [Sentir-se mais, ou menos, à vontade para falar com as pessoas, mesmo com estranhos. Se for uma pessoa introvertida, continua a ser ou tornou-se mais extrovertida?]
7. Considera que esta experiência aumentou a sua vontade de participar noutras oportunidades de mobilidade no futuro? [Tem intenções de permanecer na cidade após completar os seus estudos? Se sim, que fatores contribuíram para essa decisão?]

### **Balanço**

1. Qual foi/está a ser o aspeto mais positivo desta experiência? E o mais desafiante?
2. Existe algo que gostaria de ter tido conhecimento numa fase prévia a esta experiência? [Se sim, de que forma isso poderia influenciar a deslocação.]
3. O que pode ser feito para apoiar os estudantes em mobilidade?
4. Que conselhos daria a outros estudantes que estão a considerar a mobilidade para progredir os seus estudos?

### **Caracterização Sociodemográfica (continuação)**

1. Qual é a composição do seu agregado familiar? [Se tiver irmãos, questionar as idades e se frequentam o Ensino Superior. Questionar profissão, escolaridade e idade de cada pessoa pertencente ao agregado familiar.]

Para assegurar a sua privacidade e manter total anonimato durante esta entrevista, peço que escolha um nome próprio fictício para ser associado às suas respostas quando eu estiver a transcrever a entrevista. Escolha um nome que não seja o seu, mas que de alguma forma se identifique.